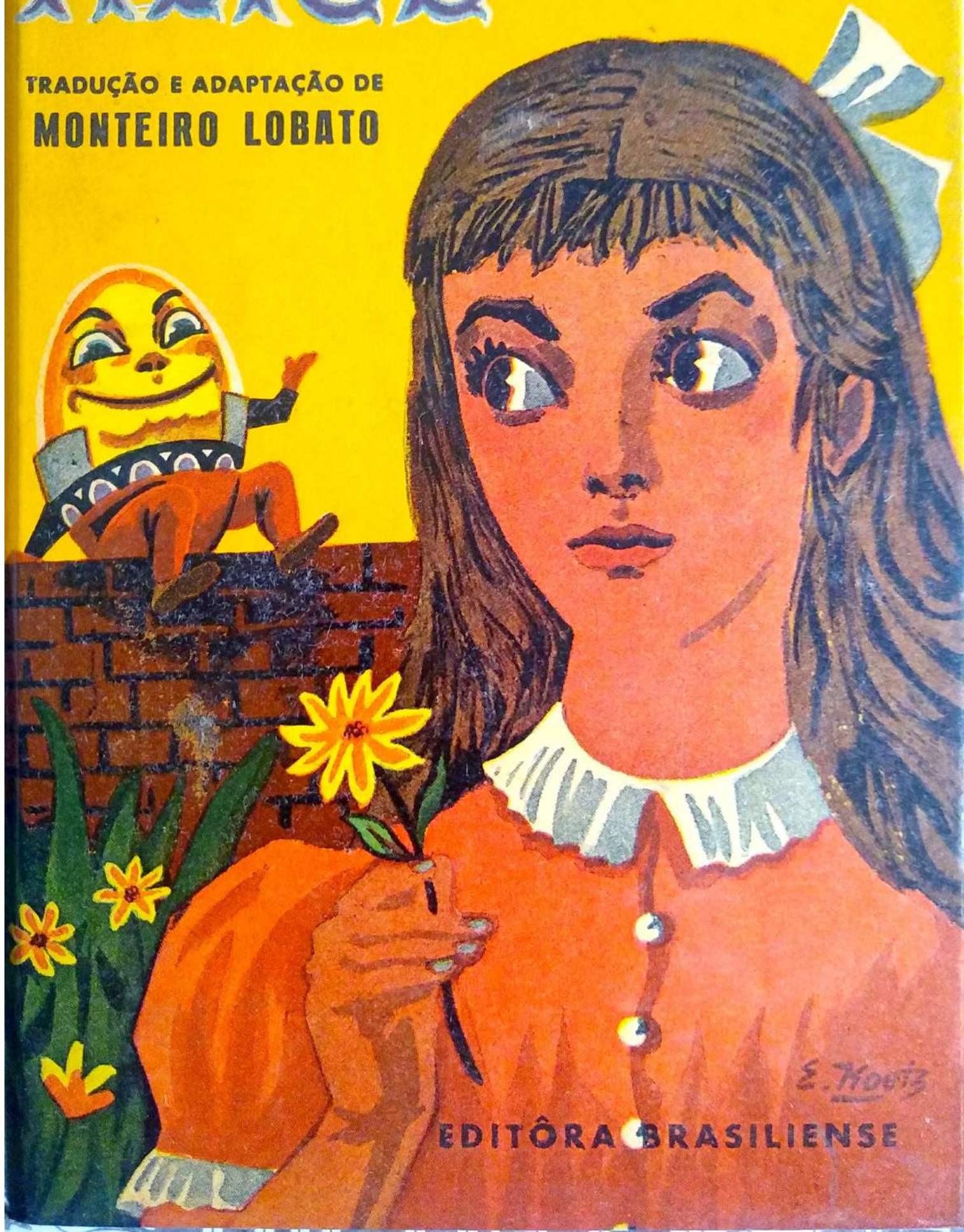


LEWIS CARROLL

ALICE

NO PAÍS DO
ESPELHO

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO



EDITORA BRASILIENSE



LIVROS INFANTIS de MONTEIRO LOBATO

A EDITORA BRASILIENSE é a editora exclusiva dos livros de MONTEIRO LOBATO. Além das coleções encadernadas das obras completas do grande autor, esta editora publica todos os seus livros em edições avulsas. São os seguintes os livros infantis de MONTEIRO LOBATO:

Reinações de Narizinho
Viagem ao Céu
O Saci
Caçadas de Pedrinho
Hans Staden
História do Mundo para as Crianças
Memórias da Emília
Peter Pan
Emília no País da Gramática
Aritmética da Emília
Geografia de Dona Benta
Serões de Dona Benta
Histórias das Invenções
D. Quixote das Crianças
O Poço do Visconde
Histórias de Tia Nastácia
O Picapau Amarelo
A Reforma da Natureza
O Minotauro
A Chave do Tamanho
Fábulas
Os Doze Trabalhos de Hércules (em 2 volumes).

TRADUÇÕES

CONTOS DE GRIMM
NOVOS CONTOS DE GRIMM
CONTOS DE ANDERSEN
NOVOS CONTOS DE ANDERSEN
ALICE NO PAÍS DO ESPELHO
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS
ROBINSON CRUSOE
CONTOS DE FADAS

A VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO BRASIL



Edição da
EDITORA BRASILIENSE
Rua Barão de Itapetininga, 93 — São Paulo

ALICE NO PAÍS
DO ESPELHO

9358

Monteiro Lobato

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE

ALICE NO PAÍS
DO ESPELHO

POR LEWIS CARROLL

2ª EDIÇÃO



1958

EDITORA BRASILIENSE

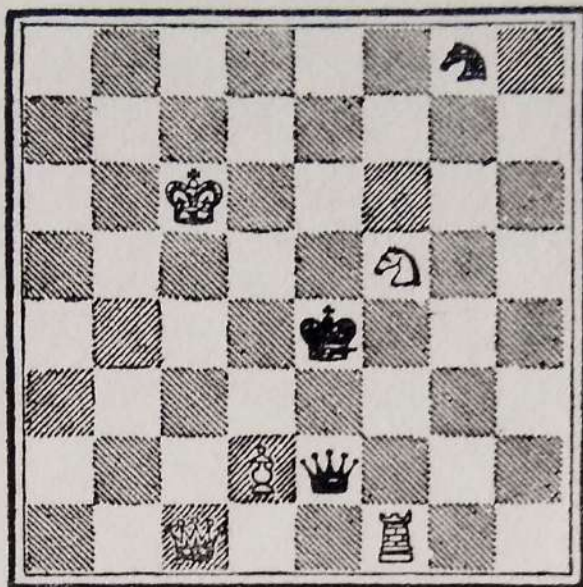
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

ÍNDICE

O Problema de Xadrez de Alice	7
A Casa do Espelho	11
O Jardim Vivo	24
Os Insetos do Espelho	36
Tweedledum e Tweedledee	49
Lã e Água	61
Humpty Dumpty	74
O Leão e o Unicórnio	86
"É Invenção Minha"	99
A Rainha Alice	113
A Sacudidela	130
Miau! Miau!	131
Sonho?	132

O PROBLEMA DE XADREZ DE ALICE

PRETAS



BRANCAS

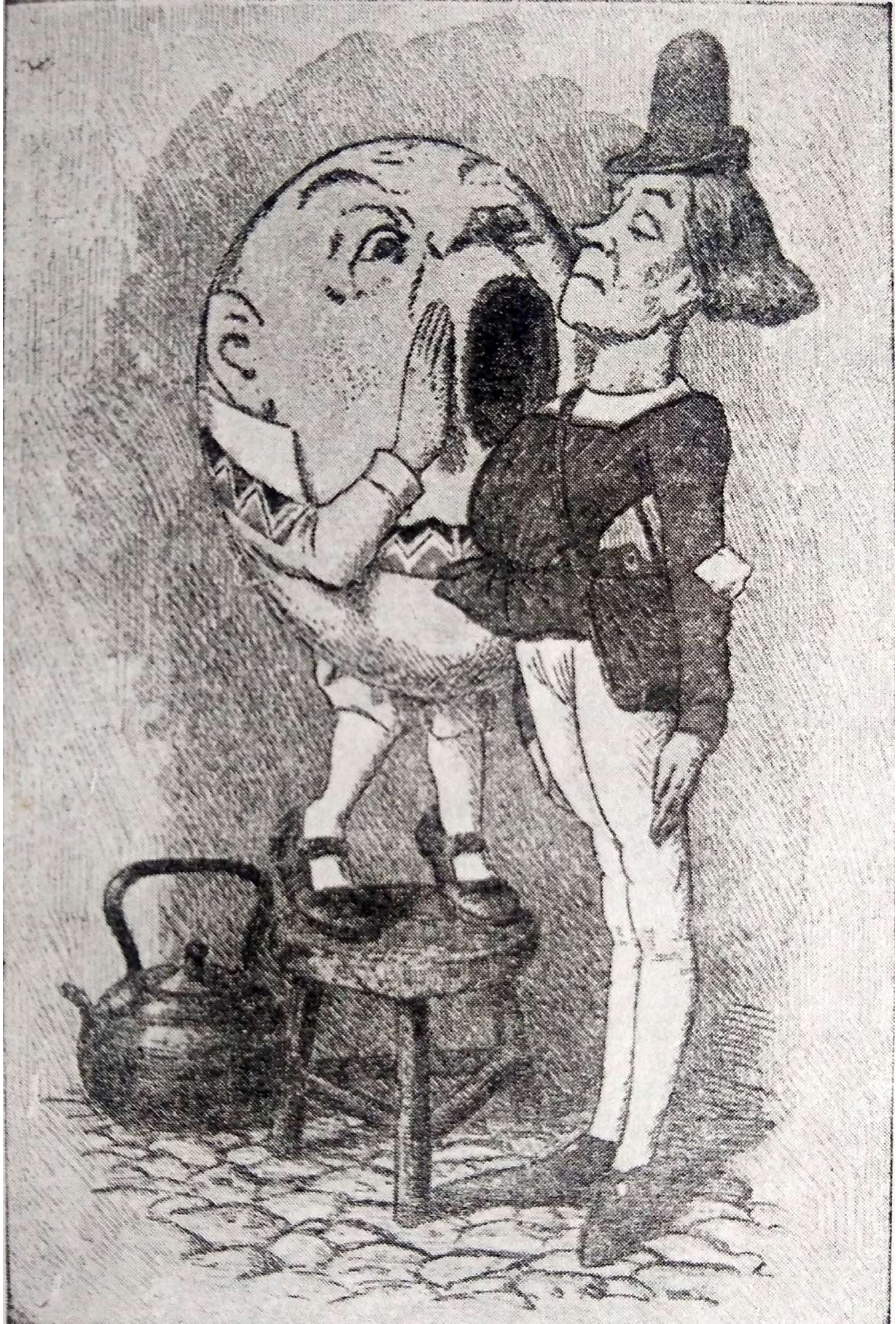
O peão branco (Alice) joga e vence em nove lances

LANCES

1. Alice encontra a Rainha Negra.
2. Alice na terceira casa da Rainha (por trem)
3. Alice encontra a Rainha Branca (com o xale)
4. Alice na 5.^a casa da Rainha (loja da ovelha e rio)
5. Alice na 6.^a casa (Humpty Dumpty)
6. Alice na 7.^a casa (floresta) ...
7. O Bispo Branco toma o Bispo Negro
8. Alice na 8.^a casa (coroação) ..
9. Alice vira Rainha
10. Castelo de Alice (festa)
11. Alice toma a Rainha Negra e vence

LANCES

1. Rainha Negra na 4.^a casa do Cavalo Negro
2. Rainha Branca na 4.^a casa do Bispo da Rainha
3. Rainha Branca na 5.^a casa do Bispo da Rainha
4. Rainha Branca na 8.^a casa do Bispo do Rei (ovos na prateleira)
5. Rainha na 8.^a casa do Bispo da Rainha
6. Cavalo Negro na segunda casa do Rei (xeque)
7. Cavalo Branco na 5.^a casa do Bispo do Rei
8. Rainha Negra na casa do Rei (exame)
9. Castelo das Rainhas
10. Rainha Branca na 6.^a casa da Rainha Negra (jantar)

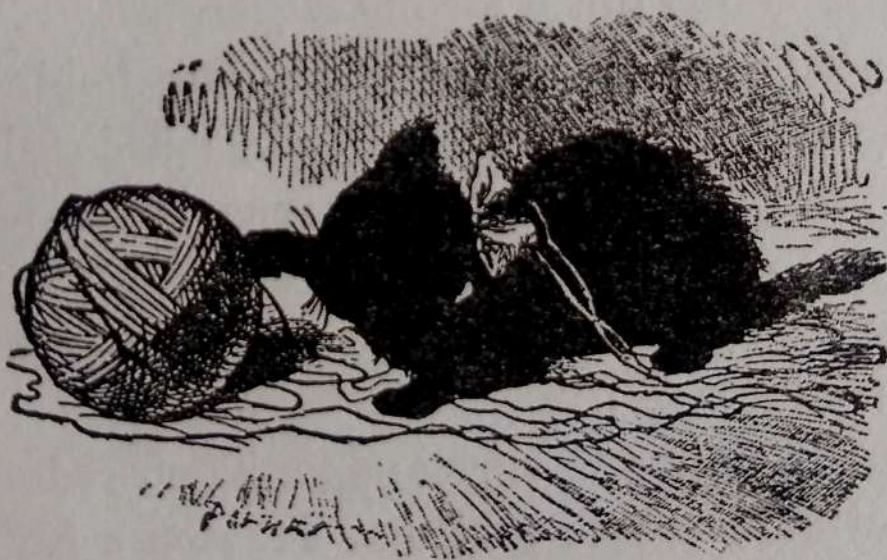


CAPÍTULO I

A CASA DO ESPELHO

DUMA COISA Alice estava certa: de que o gatinho branco nada tinha que ver com aquilo. A culpa era tôda do gatinho prêto. Isso porque enquanto o gatinho prêto estava reinando na sala, o gatinho branco estêve nas unhas de sua mãe Diná, a sofrer uma lavagem de cara.

Diná lavava os seus filhotes assim: agarrava um dêles pela orelha e o fixava com uma das patas ao chão;



com a outra esfregava-lhe a cara, a começar pelo focinho. E êles se submetiam a essa toaleta muito quietos, rosnando apenas, pois sabiam que a esfrega era para bem dêles.

O gatinho preto havia passado a manhã na sala, solto, brincando, e ainda lá estava aos pinotes, enquanto Alice, meio adormecida em sua poltrona, falava sòzinha, com os olhos semi-abertos fixos no tapête onde jazia um novêlo de lã quase todo desenrolado.

— Olá, seu maroto! murmurou ela agarrando o gatinho pelo pescoço e beijando-o para *mostrar* a sua contrariedade. Depois, voltando-se para Diná, disse: — Olhe, é preciso dar melhor educação aos seus filhos, ouviu? Ainda está em tempo...

Alice tomou do chão o novêlo de lã, que pôs no colo, ao lado do gatinho preto. Ia enrolá-lo de novo, trabalho que não rendia, porque Alice não parava de falar consigo própria e distrair-se, achando graça na atenção com que o gatinho acompanhava aquêle serviço. Às vêzes procurando ajudá-la êle a atrasava ainda mais.

— Sabe que dia é amanhã? perguntou-lhe a menina. Não sabe! Nunca sabe nada, êste bobinho. Pois teria sabido, se tivesse estado comigo à janela. Teria visto as crianças amontoarem na rua lenha para uma fogueira — o que quer dizer que estamos em vésperas de São João. Teremos uma bela fogueira amanhã, vai ver.

Enquanto falava ia enrolando a lã em redor do pescoço do gatinho, que de súbito se debateu e fêz de novo cair o novêlo.

Sem erguer-se da poltrona Alice começou a ralar com o maroto.

— Eu devia ficar zangada, sabe? Você é o tipo do atrapalhador de serviço. Que faria se eu abrisse a janela

e o atirasse na neve, hein? Olhe, nem mais um *pio*, está ouvindo?

E com o dedo indicador erguido:

— Vou passar em revista tôdas as suas más ações de hoje. Em primeiro lugar você miou muito quando



Diná o esfregava, de manhã. Não negue. Ouvi perfeitamente. Que diz? Como? A pata de Diná esbarrou em seu olhinho direito? É? Mas de quem foi a culpa? Por que ficou de olho aberto? Não venha com essa escapatória, que não aceito. Vamos agora à segunda má ação.

Você puxou o gatinho branco pelo rabo quando êle estava a beber o seu pires de leite. Quê? Estava com sede? Êle também estava — e havia chegado primeiro. Agora, a terceira má ação: desenrolar o meu novêlo de lã. Três culpas, Kitty, e ainda não foi punido por nenhuma! Estou juntando os castigos para quarta-feira.

Depois, pensando nas suas próprias reações, continuou:

— Suponha-se que *êles* juntem os meus castigos. Que fariam no fim do ano? Com certeza me mandariam para a cadeia. Ou — deixe-me ver — suponha-se que cada castigo consista em me deixarem sem jantar. Então, no dia do castigo somado, eu teria de ficar sem cinqüenta jantares, pelo menos...

E para o gatinho:

— Está ouvindo o bater da neve na vidraça, Kitty? Gosto dêsse barulhinho. Parece que a neve está beijando os vidros do outro lado, não? Será que a neve beija assim as árvores e os campos porque os *ama*? Depois ela os recobre duma camada branquinha, talvez dizendo: "Durmam, queridos, durmam bem até que o verão retorne." E quando tudo renasce de novo ao calor do verão, Kitty, as árvores e os campos se vestem de verde e dançam — dançam tão lindo quando o vento sopra!... Oh, eu quero que seja assim! concluiu Alice deixando cair o novêlo para bater palmas de alegria. Quero que as árvores realmente comecem a dormir no outono quando as fôlhas entram a amarelar!...

Depois:

— Kitty, você sabe jogar xadrez? Não se ria. Estou falando sério. Pergunto porque quando eu estava a

jogar xadrez inda há pouco você olhava para o tabuleiro, como quem entende do jôgo. E quando eu disse: “Xeque!” você rosnou. Realmente, foi um belo xeque, Kitty, e eu teria ganho a partida se não fôsse aquêle bispo negro com o qual não contei. Faz de conta, Kitty...

Impossível tomar nota da metade das coisas que Alice dizia quando vinha com um dos seus *faz-de-contas*. Justamente na véspera havia ela tido uma séria disputa com sua irmã por causa dum *faz-de-conta*. “Faz de conta que somos reis e rainhas”, dissera Alice à irmã, que imediatamente a interrompeu, alegando que como eram apenas *duas*, não podiam ser *reis e rainhas*. “Muito bem”, replicou Alice sem se atrapalhar. “Você, que se julga singular, ficará sendo um rei ou uma rainha, à escolha. Eu ficarei sendo o *resto*.”

Outra vez Alice realmente apavorou a sua velha ama, gritando-lhe de súbito ao ouvido: “Ama, faz de conta que sou uma hiena e você, um osso!”

Mas estas coisas estão nos afastando da cena de Alice com o gatinho. Voltemos atrás. — Faz de conta que você é a Rainha Branca, Kitty. Se se puser de pé e cruzar os braços, fica tal qual uma rainha de xadrez. Experimente, vamos ver! E Alice tomou a Rainha Branca do tabuleiro para a pôr diante do gatinho como modelo. De nada adiantou. O gatinho não sabia cruzar os braços. Para castigá-lo Alice o colocou em face do espelho a fim de que se visse a si próprio e se envergonhasse. — E se não cruza os braços direitinho — disse-lhe ela — atiro-o para dentro da Casa do Espelho. Gostaria disso?

Em seguida explicou:

— Escute. Vou contar as minhas idéias a respeito da Casa do Espelho. Antes de mais nada, porém, note que a sala que se vê no espelho é esta mesma sala, mas *ao contrário*. Posso ver tudo da sala, menos o que está atrás da chaminé. Oh, eu queria tanto ver isso! ... Queria saber se lá atrás há fogo durante o inverno. A gente nunca sabe se há fogo senão quando aparece fumaça — e então a Casa do Espelho aparece cheia de fumaça. Mas isso pode ser falso. Pode parecer que há fogo sem haver fogo. E os livros da Casa do Espelho? São iguais aos livros comuns mas com as letras ao contrário. Já fiz a experiência. Queria você, Kitty, viver na Casa do Espelho? Não sei se encontraria pires de leite lá. Talvez leite de espelho, que é leite ao contrário, não sirva para beber. Mas, oh, Kitty, deve ser lindo viver na Casa do Espelho! Vamos experimentar. Faz de conta que já conseguimos penetrar lá dentro. Ande comigo.

Alice trepou à chaminé, varou o vidro do espelho e viu-se na casa dêle. A primeira coisa que fêz foi olhar se havia fogo na chaminé, do outro lado — e ficou satisfeita de ver que havia. “Bravos! Assim ficarei aqui tão quentinha como na outra sala”, pensou Alice, “ou ainda mais quente, porque não haverá ninguém para me impedir de me aproximar demais do fogo.”

E então Alice começou a observar tôdas as coisas e notou que o que era igual ao que havia na sala comum não tinha interêsse para ela, visto ser igual, mas que o resto era bem diferente. As pinturas das paredes, perto do fogo, por exemplo, pareciam vivas. O relógio da chaminé tinha o aspecto dum velhinho a lhe fazer caretas.

“*Êles* não conservam esta sala tão bem arrumada como a lá de casa”, pensou Alice ao ver diversas peças de xadrez caídas nas cinzas da chaminé. Logo depois



observou que essas peças estavam vivinhas e passeando duas a duas.

— Aqui está o Rei Branco e com êle a Rainha Branca, murmurou Alice baixinho para não assustá-los. Lá estão o Rei Negro e a Rainha Negra, sentados no atiçador de fogo — e perto dêles, duas Tôrres de braços

dados. Será que podem ouvir-me? Que não podem ver-me, sei, pois chego bem pertinho sem que se assustem. Creio que fiquei invisível...



Nisto alguma coisa começou a mexer-se na mesa, atrás de Alice. Voltando o rosto viu ela um Peão Branco que rolava impaciente e batia o pé. Ficou atenta, a ver o que sucedia.

— Meu filho! gritou a Rainha Branca precipitando-se para o lado do peão com tal ímpeto que derrubou

o Rei na cinza. Meu lírio! Meu imperial gatinho! gritava ela tentando transpor a grade da chaminé.

— Imperial malandro! murmurou o Rei a esfregar o nariz amarrotado pela queda. Bem que tinha êle razão de estar danado com a Rainha, pois ficara coberto de cinzas da cabeça aos pés.



Ansiosa por ser útil, Alice tomou a Rainha e a colocou no tabuleiro, perto do peãozinho que esperneava com ataque. Mas o fato de ser erguida do chão até à mesa fêz a Rainha perder o fôlego, de modo que ao chegar permaneceu uns minutos arquejante, sem poder abraçar o barulhento filhinho. Logo porém que recobrou completamente o fôlego, gritou para o Rei, que ficara embaixo, na cinza: — Cuidado com o vulcão!

— Que vulcão? perguntou o Rei, olhando ansioso para o lado do fogo como se só dali pudesse aparecer um vulcão.

— O vulcão que me arrojou aqui! gritou a Rainha sempre aflita. Suba, mas pelo caminho natural. Evite ser trazido pelo vulcão.

Alice pôs-se a olhar para o Rei. O coitado subia lentamente, com grande esforço.

— Assim levará horas para chegar, disse-lhe ela. Quer que o ajude?

O Rei nada respondeu. Estava provado que não a ouvia, nem a via. Em vista disso Alice o tomou entre os dedos e o ergueu até ao tabuleiro, mas lentamente e não de golpe, como fizera com a Rainha, de modo que êle pudesse ir-se acostumando com as diferenças de altitude. E antes de pô-lo no tabuleiro achou conveniente espaná-lo da cinza que lhe recobria o corpo.

Ninguém pode fazer idéia da cara do Rei ao ver-se suspenso no ar por invisível mão e, além disso, espanado. Seus olhos arregalaram-se e sua bôca abriu-se tôda.

— Oh, nada de cara tão feia! exclamou a menina, esquecida de que o Rei era surdo. Você me faz rir tanto que acabará caindo no chão. Meus dedos já estão perdendo a fôrça... E feche essa bocarra, para não engolir cinza.

Assim dizendo, Alice acabou de espaná-lo e o colocou no tabuleiro. Ao ser largado lá o Rei caiu de costas. Vendo-o imóvel e como sem sentidos, Alice, muito aflita, correu em busca de água para lhe borrifar o rosto. Não havia água. Alice, porém, passou mão num tinteiro e

voltou correndo para despejá-lo na cara do Rei. Felizmente o encontrou já voltado a si e cochichando com a Rainha, tão baixo que Alice mal podia ouvir.



— Tive tanto medo que esfriei até ao fundo dos ossos, dizia êle.

— Você nunca teve ossos, meu caro ... respondeu a Rainha.

— O horror daquele momento!... prosseguiu o Rei. Jamais poderei esquecê-lo...

— Esquece, sim. Você é um grande esquecido. Para que não esqueça deve tomar nota.

O Rei aceitou o conselho e tirando do bôlso um enorme livro de notas começou a escrever com um lápis aquêle horror que sentira. Vendo as suas dificuldades, Alice resolveu ajudá-lo. Veio para trás dêle e segurou

na ponta do lápis para o guiar. O pobre Rei ficou atrapalhado e por alguns instantes lutou em silêncio com o lápis. Alice, porém, que tinha mais fôrça, venceu.

— Tenho que arranjar outro lápis, disse o rei por fim. Êste está muito pesado e escreve por si coisas que não tenho intenção de escrever.

— Que coisas êle escreve? perguntou a Rainha com os olhos no livro de notas, onde leu: *O Cavalo Branco está escorregando do atizador. Êle equilibra-se mal.* Depois disse: — Mas isto não pode ser a nota do horror que você sentiu, meu caro!



Havia na mesa, perto de Alice, um livro, e enquanto a menina permanecia sentada a observar o Rei (Alice ainda estava com o tinteiro na mão para caso o Rei desfalecesse outra vez), voltou-lhe as fôlhas para ler algum pedacinho. O livro, entretanto, era escrito numa língua desconhecida, como se poderá ver por esta amostra:

!sárt-sáz, sárt-sáZ! siod, mU! siod, mU
sáz - ra on uinuz adapse A
!sárt - uiae ortsnom od aģebac A
...sárt arap odnaetoniP

— Parece um lindo verso, disse consigo Alice, que a princípio nada entendera. Quem sabe se está ao contrário e com um espelho poderei ler direito? Vamos fazer a experiência. Para isso tenho que passar à outra sala. Sim sim, antes, porém, quero dar uma vista dolhos pelo jardim.

Mal o pensou e já o pôs em prática. Deixou a sala a correr, descendo pelo corrimão em vez de descer pela escada. Essa história de descer por escadas é coisa de gente velha. Desceu voando e num segundo foi parar no vestíbulo que dava para o jardim.



CAPÍTULO II

O JARDIM VIVO

NO ALTO daquele morro eu poderia ver o jardim muito melhor, pensou Alice. Vou tomar por êste caminho. Espere! interrompeu-se, depois de haver dado uns passos. Êste caminho em ziguezague é um perfeito saca-rôlhas, de tanto que torce dum lado e doutro. Sim, torce, mas sempre subindo em direção do morro. Não! Não sobe, não! Ora sobe, ora desce rumo à casa. Creio que erreí e que tenho de tomar outra estrada.

Alice continuou a caminhar para o morro, mas ia sempre descendo e subindo, ora para a direita, ora para a esquerda. Errava sempre. Parecia que alguma coisa a puxava para o lado da casa. Em certo momento, ao fazer uma curva, deu com o nariz na parede.

— Arre! Que tanta insistência, casa! Não quero voltar ainda, estou de viagem para o morro. Se entro, adeus minhas aventuras!

Dizendo isto Alice deu as costas à casa, com a idéia de seguir em linha reta até alcançar o morro. — Creio que acertei agora, murmurou. — É só seguir firme em linha reta. Mas nem bem havia pensado isto e já o caminho deu um tranco violento, que a fêz ir parar de novo na porta da casa.

— Também é demais! exclamou Alice irritada.

Nunca vi casa tão intrometida e oferecida como esta!...

Mas como ainda estava avistando o morro, deliberou insistir. Pôs-se a caminhar, muito tesinha e zangada, e caminhou assim um bom pedaço até que esbarrou num canteiro de margaridas com uma touceira de lírios no centro.

— Amigo Lírio, disse ela, dirigindo-se ao que se balançava mais graciosamente em sua haste, que pena as flôres não falarem!

— Falamos, sim, respondeu o Lírio, mas só quando vale a pena.

Tão espantada ficou Alice com a resposta que emudeceu por uns instantes; por fim, como o Lírio nada mais dissesse, limitando-se a balançar-se em sua haste, pôde Alice perguntar em voz tímida, quase em murmúrio: — E tôdas as flôres falam?

— Tão bem como você, respondeu o Lírio, e falam até mais alto.

— Mas nunca falamos primeiro, declarou uma Rosa ao lado, e nós estávamos querendo que você começasse. Eu havia dito comigo, logo que você apareceu: — O rosto desta menina agrada, embora não pareça rosto duma menina inteligente. Também a sua côr é boa.

— Eu não dou importância a côr, disse o Lírio, que era branco. Mas acho que suas pétalas (referia-se ao cabelo de Alice) deviam ser mais crêspas.

Alice, que não gostava de ser criticada, pôs-se a fazer novas perguntas para mudar de conversa.

— Vocês não têm medo de serem plantas aqui, sem ninguém para os defender?

— Temos aquela árvore acolá, que toma conta de nós, explicou a Rosa.

— E que pode fazer uma árvore em caso de perigo?

— É um pé de Unha-de-Gato. Arranha, respondeu a Rosa.

— E faz *miau, miau*, disse uma margaridinha. Não sabia disso?

Ouviu-se em seguida um côro de *miaus*. Todas as margaridinhas do canteiro começaram a imitar o mio do gato, enchendo o ar com as suas vozinhas finas.

— Silêncio! gritou o Lírio furioso, balançando-se em sua haste com raiva. Estas bôbas sabem que não posso alcançá-las, por isso abusam! berrou êle danado.

— Não faça caso, disse a menina em tom de acomodação. E voltando-se para as margaridinhas barulhentas lhes murmurou ao ouvido: — Se vocês não calam a bôca, colho-as todas já!

Fêz-se o silêncio num instante e diversas margaridinhas vermelhas ficaram brancas de medo.

— As margaridinhas são umas sirigaitas, murmurou o Lírio inda zangado. Quando alguém fala elas falam também, todas a um tempo.

— Estou mas é espantada de ver como vocês falam corretamente! disse a menina. Estive em muitos jardins sem que jamais visse nenhuma flor falante. Nem sabia que semelhante coisa fôsse possível. Por que isso? Por que só as flôres daqui falam?

— Ponha a mão na terra do canteiro que saberá, respondeu o Lírio.

Alice colocou a mão na terra do canteiro. — Terra dura, disse ela. — Mas não posso compreender que tem uma coisa com outra.

— Na maior parte dos jardins, explicou o Lírio, os jardineiros afofam demais a terra. Isso faz que as flôres vivam dormindo de gôsto — e quem dorme não fala.

A razão pareceu boa a Alice, que se contentou.

— Nunca havia pensado nisso...

— Em minha opinião, disse a Rosa em tom severo, você nunca pensou em tôda a sua vida.

— Também eu posso declarar que nunca vi ninguém com ar mais tolo, disse uma violetinha que ainda não havia metido o bedelho na conversa, e o disse tão inesperadamente que Alice deu um pulo para trás.

— Cale a bôca! interveio o Lírio. Você nunca viu coisa nenhuma na sua vida. Vive com a cabeça metida entre as fôlhas, lá perto do chão, e sabe tanto do mundo como um botão que ainda não se abriu.

A violetinha encolheu-se, envergonhada.

— Há mais gente neste jardim além da minha pessoa? perguntou Alice para mudar de assunto.

— Há, sim, há uma flor que sabe mover-se tal qual você, respondeu a Rosa.

— Igual a mim? perguntou Alice, ansiosa com a idéia de que pudesse andar por ali uma outra menina.

— Sim, ela tem êsse mesmo jeito desajeitado, embora seja negra e tenha as pétalas mais curtas, parece-me.

— Tem as pétalas cerradas como as dalias, observou o Lírio, e não sôltas ao vento como você.

— Isso mesmo. Você está com as pétalas soltas porque já anda murchando, opinou a Rosa.

A idéia que as flôres faziam a seu respeito não agradou à menina, que ainda uma vez tratou de mudar de assunto.

— Mas vamos lá, disse ela. Essa tal criatura aparece sempre por aqui? perguntou.

— Creio que iremos vê-la dentro em breve. Usa coroa.

— Onde?

— Na cabeça. Onde mais? Só me admiro de que você também não use coroa. Supus que tôdas as criaturas da sua espécie as usassem.

— Lá vem ela! gritou de repente um goivo. Ouçolhe o *tunque-tunque* dos passos no pedregulho.

Alice olhou na direção apontada e viu a Rainha Negra do xadrez. “Está mais crescida”, observou consigo notando que em vez das três polegadas, que tinha quando a salvou das cinzas da chaminé, estava ela agora mais alta cinco palmos.

— Foi o ar puro dêste jardim que fêz isso, explicou a Rosa. O nosso ar aqui é uma maravilha!

Apesar do gosto que tinha em conversar com as flôres, Alice achou mais interessante ir dar uma prosa à Rainha e despediu-se.

— Não vá por aí, disse a Rosa. Se quer encontrar-se com ela, siga pelo caminho oposto.

Tal recomendação pareceu à menina tolice; entretanto calou-se e continuou a caminhar na direção da

Rainha. Com grande surpresa sua, porém, perdeu-a de vista logo depois e achou-se de novo na porta da casa. Aborrecida, Alice fêz meia volta. Enxergou a Rainha ao longe e insistiu em chegar até ela por meio dum estratagemma, que foi, como aconselhara a Rosa, caminhar em sentido contrário.

Acertou. Depois dum minuto de marcha encontrou-se cara a cara com a Rainha, justamente em cima do tal morro que tanto lutara por atingir.

— Donde vem você? indagou a Rainha Negra. E para onde vai? Levante a cabeça, fale com calma. Não fique assim a torcer os dedos.

Alice desculpou-se, dizendo que havia perdido o seu caminho.

— Não sei o que você entende por *seu* caminho. Todos os caminhos aqui são meus, disse a Rainha. Mas donde vem, afinal de contas? repetiu em tom mais amável. Seja delicada na resposta. Isso valerá alguma coisa.

Alice admirou-se da recomendação e vacilou na resposta, o que fêz a Rainha insistir.

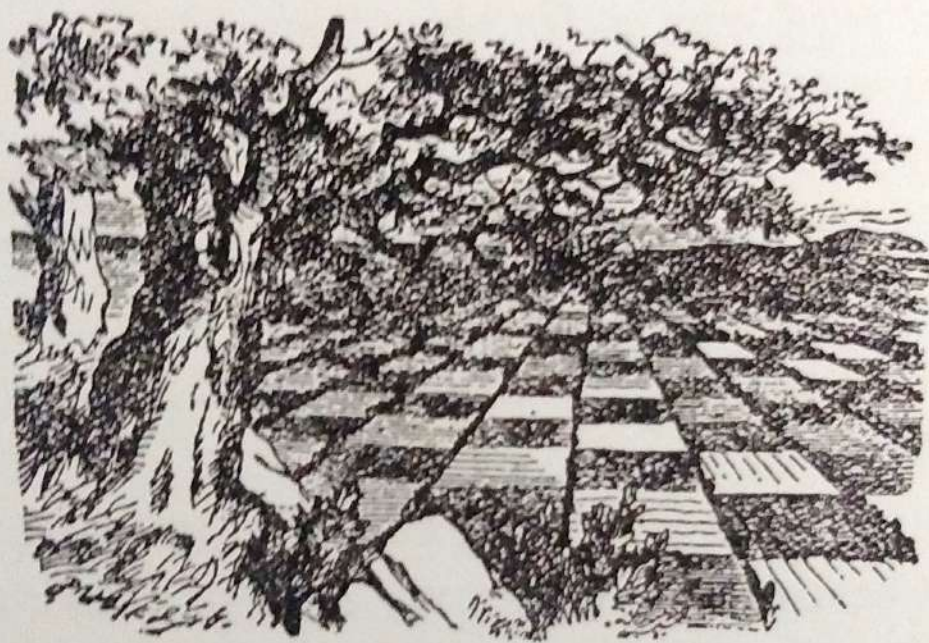
— Vamos, responda! disse ela olhando para o relógio. É tempo. Abra mais a bôca e quando falar diga sempre Vossa Majestade.

— Eu apenas queria conhecer êste jardim, Majestade, gaguejou a menina.

— Está direito, aprovou a grande dama dando tapinhas na cabeça de Alice. Entretanto êste jardim não passa dum matagal em comparação com os jardins que eu conheço.

Sem discutir êsse ponto, Alice continuou na sua explicação, dizendo que andara em procura do caminho que conduzia ao morro.

— Morro! exclamou a Rainha com desprezo. Conheço morros perto dos quais êste não passa dum pequeno buraco.



— Não pode ser! exclamou Alice animando-se a contradizê-la. Um morro jamais poderá parecer um buraco. Isso é bobagem...

A Rainha sacudiu a cabeça e disse:

— Você pode chamar a isto bobagem, mas eu tenho ouvido bobagens perto das quais esta pode ser considerada sabedoria igual à dos dicionários.

Receosa de que a Rainha estivesse ofendida, Alice limitou-se a fazer uma saudação de cabeça. Em seguida as duas caminharam em silêncio até o alto do morro.

Por alguns minutos a menina se manteve calada, com os olhos postos na paisagem que dali se descorti-

nava. Linda paisagem! Numerosos riozinhos corriam em linha reta e cortavam-se uns aos outros, formando lotes de terreno quadradinhos iguaizinhos, divididos por cêrcas vivas.

— Êste campo está dividido tal qual um tabuleiro de xadrez, murmurou Alice por fim. Deve haver gente movendo-se nêle. Sim! Há! É uma partida de xadrez, uma grande partida de xadrez que está sendo jogada no mundo, porque isto que tenho debaixo dos olhos é o mundo, não me resta a menor dúvida... Oh, que engraçado! Como desejaria ser uma das pedras dêsse xadrez! Podia começar peão — embora preferisse ser rainha.

Pensando isto, Alice olhou com o rabo dos olhos para a Rainha Negra, a qual sorriu, muito agradada, e disse:

— Facílmo. Poderá ser o peão da Rainha Negra, começando a partida na segunda fileira de “casas” (cada quadrado no tabuleiro de xadrez se chama uma casa); quando alcançar a oitava fileira, virará Rainha.

A conversa foi interrompida aí porque de súbito ambas começaram a correr. Quando mais tarde Alice procurava recordar-se disto, atrapalhava-se. Não podia lembrar-se de como a coisa começou. Apenas lembrava-se de que correria de mãos dadas com a Rainha, a qual disparara tão rápida que ela mal a podia acompanhar. — Mais depressa! Mais depressa! exclamava a Rainha todo o tempo, sem que Alice nada pudesse responder por falta de fôlego. O mais curioso de tudo era que as árvores (e as mais coisas que as rodeavam) nunca saíam do lugar.

“Será que tudo corre juntamente conosco?” pensou Alice consigo. E a Rainha, como que adivinhando êsse pensamento, retrucou: — Mais depressa! Não pense em coisa nenhuma.

Alice não pensava em pensar, sentindo até que nunca mais conseguiria pensar coisa nenhuma em sua vida, tal era a falta de fôlego que a atormentava. Apesar disso a Rainha prosseguia no seu “Mais depressa!” de sempre, arrastando-a com ímpeto cada vez maior.

— Estaremos chegando? perguntou por fim a menina já exausta.

— Quase! respondeu a Rainha. Mais dez minutos e chegaremos. Depressa! Depressa! e em silêncio continuaram ambas a correr com tamanha rapidez que o vento parecia arrancar o cabelo de Alice.



— Agora! Mais depressa ainda! exclamou logo adiante a Rainha, aumentando ainda mais a velocidade.

Mais voavam que corriam. Seus pés mal tocavam o solo. Súbito a Rainha parou e Alice, totalmente sem fôlego, viu-se quase desmaiada no chão. A Rainha encostou-a a uma árvore, dizendo com carinho: — Pode descansar um bocado agora.

Olhando em torno teve Alice uma grande surpresa. — Como isto? perguntou. — Estamos sempre debaixo da mesma árvore. Parece que não saímos do ponto onde estávamos. Não noto mudança nenhuma.

— Está claro! disse a Rainha. Para que mudanças?

— Na minha terra, replicou Alice ainda arquejante, quem corre como nós corremos chega sempre a um ponto diferente daquele donde partiu.

— Deve ser uma terra muito lenta essa! comentou a Rainha. Aqui é preciso correr como corremos para ficar-se no mesmo ponto. Para mudarmos de lugar seria preciso que corrêssemos o dôbro.

— Oh, não quero experimentar isso! exclamou a menina aflita. Prefiro ficar onde estou. Sinto-me afogueada e com muita sede.

— Já o imaginava, disse a Rainha, tirando duma caixinha um biscoito que ofereceu à menina.

Alice não teve ânimo de recusar, embora tivesse apenas sede, não fome. Mas foi obrigada a comer o biscoito, que era dos tais cracnéis muito secos que dão mais sede ainda.

— Enquanto você mata a sede vou eu tomar algumas medidas urgentes, disse a Rainha tirando do bolso uma fita métrica com a qual começou a medir o chão para fincar pequenas estacas. Ao cabo de dois me-

tros, disse a Rainha, darei a você as minhas instruções. Enquanto isso, coma outro biscoito.

— Muito obrigada! exclamou Alice numa careta. Um já foi bastante.

— Matou a sede, hein?

Alice não achou o que responder; felizmente a Rainha, que não esperava resposta, continuou:

— Ao cabo de três metros repetirei minhas instruções, de medo que você as esqueça. Ao cabo de quatro metros direi: “Até logo!” e ao cabo de cinco metros, partirei.

A Rainha fincou tôdas as estacas e voltou para a árvore. Depois começou a andar lentamente sôbre o terreno marcado. Na segunda estaca voltou-se para dizer:

— Um peão caminha duas casas no seu primeiro movimento. Assim você alcançará a terceira casa a galope e passa à quarta sem demora. Esta quarta casa pertence a Tweedledum e Tweedledee. A quinta casa é um lago. A sexta pertence a Humpty Dumpty. Mas, vamos! Diga alguma coisa!...

— Eu... eu não sabia que era preciso dizer alguma coisa, respondeu Alice atrapalhada.

— Você deveria ter dito: É muita bondade sua estar-me ensinando tudo isto, Majestade! Não disse nada, mas suponhamos que haja dito e continuemos. A sétima casa é uma floresta, na qual um dos Bispos mostrará a você os caminhos. E, por fim, na oitava casa você ficará rainha igual a mim — e seremos duas rainhas a pintar o sete!

Alice ergueu-se, fez uma reverência e sentou-se de novo, enquanto a Rainha se dirigia para a próxima

estaca. Ali voltou-se de novo e disse: — Fale francês quando não puder pensar em inglês; arreganhe os dedos dos pés quando caminhar, e nunca se esqueça de quem você é.

A Rainha dessa vez não esperou a reverência de Alice. Saltou logo para a próxima estaca e de lá, voltando-se um momento, disse “Até logo” e pulou para a última estaca.

Como aquilo foi a menina jamais pôde perceber. O certo é que ao alcançar a última estaca a Rainha desapareceu. Se se esvaiu no ar ou se correu tão depressa que fôsse impossível percebê-lo, Alice não o soube nunca. Ali ficou sòzinha, convencida de que era um peão de xadrez e de que em breve teria de realizar o seu primeiro movimento.

CAPÍTULO III

OS INSETOS DO ESPELHO

ANTES DE mais nada era-lhe preciso fazer um estudo do país em que penetrara. “Isto será como nas lições de geografia”, pensou Alice pondo-se na ponta dos pés para ver ao longe. “Rios principais — não vejo nenhum rio, principal ou não. Montanhas principais — só existe esta onde estou, que creio não tem nome. Cidades principais... Esperem! Há lá embaixo criaturas fabricando mel! Abelhas, não podem ser. Não existem abelhas “avistáveis” desta distância...”

Por algum tempo permaneceu Alice em silêncio, observando as criaturas que andavam de flor em flor, sugando os cálices, como fazem as abelhas. Todavia não eram abelhas. Davam idéia de elefantes e ao observar isto Alice ficou sem fôlego de tanto medo. “Que flôres monstruosas devem ser as dêste país!” pensou ela. “Do tamanho de casas! Devem conter enormes quantidades de mel. Vou descer até lá para ver, resolveu. Mas logo ficou indecisa e murmurou, olhando para os lados: “Não ainda. Preciso primeiro arranjar um bom galho de árvore para varrê-los todos. E que engraçado quando me perguntarem lá em casa sôbre êste passeio, se

gostei ou não! Gostei, sim, hei de responder, embora fizesse muito calor e os elefantes me metessem medo.”

E depois duma pausa: “O melhor será descer pelo outro lado. Visitarei os elefantes mais tarde. Agora tenho de alcançar a terceira casa.”

E com essa desculpa Alice pulou o primeiro dos seis riozinhos que separavam as casas do tabuleiro de xadrez.

* * *

— Os seus bilhetes, façam favor! disse o Guarda pondo a cabeça na janela. Imediatamente todos puxaram os respectivos bilhetes, que eram quase do tamanho dos passageiros.

— Vamos, o seu bilhete, menina! continuou o Guarda olhando severamente para Alice. Em tôrno vozes zangadas murmuravam com azedume: — Não faça o Guarda esperar, menina! O tempo aqui vale mil libras esterlinas por minuto.

— Creio que não tenho bilhete, respondeu Alice em tom medroso. Não encontrei nenhuma bilheteria pelo caminho, lá na terra donde vim.

Apesar da sua desculpa, o côro de vozes zangadas continuou: — Não há lugar aqui para gente dessa tal terra. A nossa terra vale mil libras esterlinas a polegada.

— Não se desculpe, prosseguiu o Guarda. Você comprou um bilhete ao foguista da máquina, eu sei. Só a fumaça da máquina vale mil libras cada baforada.

Alice pensou consigo que era inútil falar. O côro das vozes zangadas nada disse dessa vez, mas *pensou* também que era melhor não dizer nada porque a linguagem ali valia mil libras por palavra.

— Vou sonhar com mil libras esta noite! pensou Alice impressionada com tanto dinheiro.

Por êsse tempo o Guarda estava de olhos fixos nela, primeiro através dum telescópio, depois através dum microscópio e finalmente através dum binóculo de teatro. Por fim disse: — Você tomou o trem errado, e fechando a janela desapareceu.

— Uma criança pode não saber o seu próprio nome, mas deve saber para onde vai, disse um respeitável senhor que estava sentado defronte dela, vestido de papel branco.

Perto dêsse senhor havia uma cabra, que fechou os olhos e disse com voz fanhosa: — Não é preciso saber ler para adivinhar onde é a bilheteria.

Perto da cabra sentava-se um besouro (era um bem estranho vagão aquê!), o qual besouro disse por sua vez: — Ela terá que voltar para donde veio ainda que seja como bagagem.

Alice não pôde perceber quem estava sentado atrás do besouro, mas lhe ouviu a voz áspera, dizendo: — Troquem a máquina... Essa criatura não pôde concluir a frase porque alguém a obrigou a deixar o vagão.

— Parece voz de cavalo, pensou Alice.

De mais longe uma voz macia disse: — Ela deve ser despachada como encomenda postal. E outra: Deve ser remetida pelo telégrafo. — E outra: Deve ser posta a puxar o trem. — E assim por diante.

Mas o respeitável senhor vestido de papel moveu-se por fim e, inclinando-se para Alice, murmurou-lhe ao ouvido: — Não faça caso do que estão a dizer, minha cara menina; trate, sim, de arranjar um bilhete logo que o trem parar.

— Não arranjo coisa nenhuma! gritou Alice com impaciência. Não pertenco a êste trem — eu estava no morro inda há pouco e quero voltar para lá.



Nisto uma vozinha muito débil começou a cochichar coisas em seu ouvido.

— Quem é você? perguntou a menina.

— Um velho amigo, respondeu a vozinha. Sou um inseto.

— Que espécie de inseto? perguntou Alice amedrontada, porque podia ser algum inseto de ferrão venenoso. Mas não pôde ouvir a resposta: o trem entrara a apitar precisamente naquele instante.

O cavalo, que havia metido a cabeça pela janela, recolheu-se de novo, dizendo: — Um grande rio! Temos de pular por cima

Todos os passageiros mostraram-se contentes com a novidade, menos a menina, que se apavorou com a idéia dum trem a saltar como cabrito por cima de rios. “Em todo caso”, pensou, “irei cair na quarta casa e lá estarei livre destes trapalhões.” Logo em seguida percebeu que o trem se levantava no ar, já no pulo. De medo de cair, agarrou-se ao que estava mais perto da sua mão. Era a barba dum bode.

* * *

Mas a barba do bode como que se derreteu na mão de Alice, que de novo se achou sentada debaixo da árvore, enquanto o Pernilongo (era o tal inseto de vozinha débil) se balançava num ramo sôbre a sua cabeça, a abanar-se com as asas.

Um pernilongo bem grande, assim do tamanho duma galinha. Não obstante, Alice não teve medo nenhum.

— Com que então você não gosta de todos os insetos! disse êle calmamente como se nada houvesse acontecido.

— Gosto só dos que falam, respondeu Alice. Mas nenhum fala, lá na terra donde venho.

— Que espécie de insetos você *ama*, lá na terra donde vem?

— Não *amo* a nenhum, absolutamente, respondeu Alice, porque tenho medo dêles, sobretudo dos cascudos que usam ferrão. Conheço-os apenas de nome e posso citar vários.

— Êsses insetos costumam atender a êsses nomes? perguntou o Pernilongo.

— Nunca observei isso, mas duvido muito.

— Nesse caso para que os homens lhes dão nomes?

— Porque tôdas as coisas têm nomes, ora esta!

— Vamos lá. Diga o nome dos que conhece.

— Existe o Louva-a-deus, começou Alice contando nos dedos. Existe o ...



— Basta, exclamou o Pernilongo. Ali adiante, naquela moita, você poderá ver o Cavalo Voador. É todo de pau e anda saltando de galho em galho.

— De que vive êle? perguntou Alice cheia de curiosidade.

— De serragem de madeira, respondeu o Pernilongo. Vamos ver outro. Cite outro que conheça.

Alice olhava para o Cavalo Voador com grande interêsse, notando que havia sido envernizado de fresco, tão brilhante se mostrava. E, distraída, disse: — Há a Mariposa.

— Olhe para o ramo que pende sôbre a sua cabeça, disse o Pernilongo, e nêle verá uma. Tem o corpo feito de pudim, as asas de açúcar-cande e a cabeça de passa.



— E de que vive?

— De mingau de aveia e bombocado. Costuma fazer seu ninho nas árvores de Natal, explicou o Pernilongo.

— E existe também a Borboleta, prosseguiu Alice depois de bem examinar o inseto de corpo de pudim.

— Rastejando no chão você poderá ver um bicho-cabeludo, do qual saem as borboletas, disse o Pernilongo.

— De que se alimenta?

— De cabelos e molho à maionese.

Alice refletiu que seria difícil às lagartas encontrarem maionese pelo caminho. — E que acontece quando não acham maionese? perguntou.



— Nesse caso morrem de fome.

— Coitadas! Isso lhes deve acontecer muitas vezes! refletiu Alice pensativamente.

— Sim, acontece sempre, confirmou o Pernilongo.

Alice caiu em silêncio por uns instantes, a meditar, enquanto o Pernilongo se distraía com *fiuns* em torno da sua cabeça. Por fim pousou de novo e disse: — Imagino que você não deseja perder o nome que tem...

— Não! Não! respondeu Alice um tanto ansiosa com aquela possibilidade.

— É, mas não sei... continuou o inseto, como se aquilo estivesse prestes a suceder. Imagine o que aconteceria se você voltasse para casa sem nome. A sua go-

vernanta vai chamá-la para a lição e diz: — Venha cá, dona... e não pronuncia o seu nome porque você não tem nome. E ela então tem que ir-se embora porque não tem nenhum nome para chamar à lição.

— Oh, isso é impossível! Se a minha governanta não tivesse nome com que chamar-me, diria simplesmente: — Venha dar sua lição, Miss! Chamar-me-ia Miss, como o fazem as criadas.

— Bem, disse o Pernilongo. Mas se ela diz Miss e mais nada, você não estará na obrigação de comparecer às lições, porque Miss é qualquer menina, não uma certa menina. Oh, quanto eu desejaria que isso acontecesse!...

— Por quê? Que tem você com isso?

Em vez de responder, o Pernilongo suspirou profundamente, com duas lágrimas a lhe rolarem dos olhos. Condoída da sua tristeza, a menina disse: — Já que lhe causam tanta aflição fatos como êsse, por que motivo inventa tais hipóteses?

A resposta foi outro suspiro ainda mais suspirado. Tão suspirado que o inseto se dissolveu nêle. Evaporou-se num suspiro, o coitadinho! Alice, por muito que firmasse os olhos, nada mais viu no galhinho onde o inseto estivera. Estava acabada a prosa e como ventasse forte Alice deu uma carreira para não resfriar-se.

Logo depois se viu num campo aberto, que tinha ao lado uma floresta muito mais escura do que a primeira. Alice teve medo de penetrar nela. Por fim resolveu-se, porque se voltasse para trás não poderia alcançar a Oitava Casa.



“Isto por aqui deve ser a floresta onde as coisas não têm nome”, refletiu a menina. E se é assim, muito queria saber o que vai acontecer com o meu nome. De nenhum modo quero perdê-lo. Haviam lá em casa de dar-me outro, com certeza mais feio. E que engraçado seria procurar-se a criatura que tivesse achado o meu nome perdido! Anúncios no jornal, como fazem para os cachorrinhos que somem. “... atende ao nome de Joli e traz uma coleira de prata...”

Estava ainda Alice pensando nestas hipóteses quando penetrou na floresta fria e escura. “Bom”, pensou ela, “antes assim, pois poderei refrescar-me da corrida que dei. Poderei sentar-me debaixo destas... destas...”, e Alice ficou surpreendida de já não encontrar em sua memória a palavra “árvores”. E repetiu mentalmente a frase para ver se a palavra perdida aparecia “Sentar-me debaixo destas... destas... Ora! Todo o mundo sabe o nome destas...” e bateu no tronco duma árvore para indicar o que era.

Por uns minutos ficou em silêncio, pensando. Depois murmurou para si mesma: — Então é mesmo verdade que nada aqui tem nome! E eu? Quem sou eu? Já não consigo lembrar-me. Fêz um grande esforço de memória e disse: — L, sei que o meu nome começava por L, mas é só.

Nisto um veadinho surgiu, que olhou para a menina com os seus grandes olhos ariscos, embora não parecesse assustado. — Vem cá! Vem cá! chamou Alice, espichando os braços para o animalzinho, que recuou uns passos, continuando a olhá-la com os seus grandes olhos ariscos.

— Como se chama você? perguntou êle por fim numa linda voz de veado.

“Quem me dera sabê-lo!” pensou a pobre Alice com ar melancólico: — Não me chamo mais nada. Perdi há pouco o meu nome.

— Pense bem, tornou o veadinho. Recorde-se. Isso não pode ser.

Alice pensou bem, mas inutilmente. Então voltou contra o veado a pergunta que êle lhe fizera. — E você, como se chama? indagou tímidamente. — Isso talvez me ajude a recordar o nome que eu tinha.

— Só poderei dizê-lo fora daqui, respondeu o veadinho. Vamo-nos!

Foram-se os dois, Alice com o braço em tórno ao pescoço do lindo animalzinho. Saindo da floresta alcançaram um campo aberto onde o veadinho deu um pinote para o ar exclamando com grande alegria: — Sou um veado! E você, minha cara, é uma menina! Mas ao dizer isto não se sabe o que viu, pois que mostrando susto nos grandes olhos ariscos disparou pelos campos qual uma flecha.

Alice ficou a segui-lo com os olhos, muito triste de haver perdido assim depressa tão formoso companheirinho. Consolou-se, porém, pensando que havia afinal reconquistado o seu próprio nome: — Alice! Chamo-me Alice! A-li-ce! Agora não me esquecerei nunca mais.

A seu lado viam-se dois postes com flechas marcando a direção. Como as flechas marcassem a mesma direção, Alice ficou indecisa por um momento, achando estranho aquilo. Por que duas flechas no mesmo sentido? “Na próxima encruzilhada”, pensou ela, “as flechas hão de

marcar direções diferentes e então me orientarei melhor.”

Não foi assim, entretanto. Ao alcançar a encruzilhada notou que as flechas continuavam a marcar a mesma direção, embora com dísticos diferentes. Um dizia: “Para a casa de Tweedledum.” Outro diz: “Para a casa de Tweedledee.”

— Suponho, murmurou Alice, que êstes dois figurões vivem na mesma casa. Ora, como não posso ficar aqui tôda a vida, o melhor é ir até à casa dêles perguntar qual o caminho de saída desta mata. Sim, sim. Tenho de alcançar a Oitava Casa ainda hoje. Tenho, tenho e tenho...

Assim pensando e conversando consigo mesma Alice dirigiu-se na carreira à casa dos dois figurões. Encontrou-os. Eram uns homenzinhos muito gordos e...

CAPÍTULO IV

TWEEDLEDUM E TWEEDLEDEE

ESTAVAM os dois de pé sob uma árvore, abraçados. Alice logo os distinguiu um do outro, porque o primeiro tinha a sílaba DUM visível no bico do colarinho e o segundo tinha a sílaba DEE. “A palavra TWEEDLE deve estar nas costas do colarinho”, pensou Alice.



Tão imóveis permaneciam êles que nem pareciam vivos. Alice resolveu dar volta por trás para ver se a palavra TWEEDLE estava mesmo escrita nas costas do cola-

rinho. Ia fazendo isso quando o marcado com a sílaba DUM abriu a boca para falar.

— Se você pensa, disse êle, que somos bonecos de cêra, tem que pagar dinheiro. Ninguém pode ver bonecos de cêra de graça.

— E se pensa que somos gente viva, então tem que falar! disse o marcado com a sílaba DEE.

Alice estava nesse momento com os versos duma velha canção popular a lhe fazerem cócegas na memória, de modo que em vez de responder declamou em voz alta os versos:

Tweedledum e Tweedledee
Combinaram uma batalha
Porque Dum furtara a Dee
Uma barulhenta gralha;

Mas nesse instante surgindo
Dum policial a barriga
Os dois temíveis heróis
Esqueceram logo a briga.

— Sei o que você está pensando, disse Tweedledum, mas posso garantir que não é verdade.

— Se não é verdade poderia sê-lo, disse Tweedledee, e se tivesse sido verdade seria verdade, mas como não foi verdade, não é verdade. Isto é lógico.

— Eu estava pensando, explicou Alice polidamente, sobre qual seria o melhor caminho para sair desta floresta, visto como a noite está prestes a chegar. Poderão os senhores dar-me qualquer informação a respeito?

Os homenzinhos limitaram-se a olhar um para o outro e a sorrir. Pareciam de tal modo dois meninos de escola que Alice não pôde resistir à tentação de apontar com o dedo para Dum e dizer:

— Aluno da esquerda, vamos, responda!

— Isso é que não! exclamou Dum enèrgicamente, fechando a bôca num estalo.

— Aluno da direita, responda! continuou Alice voltando os olhos para Dee.

— Você começou errando, respondeu Dum. A primeira coisa que se faz numa visita é dizer: — Bom dia! Como passam os senhores? e em seguida estender a mão. E dizendo isto Dum abraçou Dee e espichou a mão para Alice. Dee fêz o mesmo.

Alice ficou embaraçada. Se apertasse a mão do primeiro, o outro poderia ficar ofendido. Para evitar questões espichou as duas mãos e apertou ao mesmo tempo as mãos que Dum e Dee estendiam. Imediatamente ao fazer isso achou-se a dançar com êles em redor da árvore, ao som de música. Pareceu-lhe que a música vinha da própria árvore, a qual esfregava os galhos uns contra os outros, como arcos de violinos.

— Era esquisitíssimo (explicou ela mais tarde à sua irmã, quando lhe narrou estas aventuras) aquilo de achar-me a cantar o estribilho do “Aqui estamos girando em tórno da cerejeira”, canção que não sei como me veio à memória. E o tempo que passei cantando isso!...

Como fôsem extremamente gordos os homenzinhos, logo ficaram sem fôlego.

— Dez voltas em tórno da árvore, é o bastante para uma contradança, disse Dum com a língua de fora. Dee concordou e ambos pararam de brusco, da mesma forma por que haviam começado a dançar. Também a música cessou incontinênti. Em seguida largaram a mão da menina e ficaram a olhá-la por todo um minuto. Foi uma pausa que atrapalhou Alice. Não sabia como iniciar de novo a conversa. “Deverei *agora* dizer: Bom dia, como vão os senhores? ou é tarde demais para isso?” pensou consigo.

— Suponho que os senhores estão muito cansados, disse ela afinal.

— De modo nenhum, respondeu Dum. Em todo caso, muito agradecido fico de me haver feito essa amável pergunta.

— Muito obrigado também fico pela minha parte, disse Dee. E em seguida: — Diga-me, gosta de poesia?

— S... sim, muito. Isto é, de certas poesias, respondeu Alice meio na dúvida. Mas... poderão os senhores ensinar-me o caminho para sair desta floresta?

— Que poesia devo recitar? perguntou Dee virando-se para Dum com grande solenidade, como se não tivesse ouvido a pergunta de Alice.

— A Foca e o Carpinteiro, que é a mais comprida, respondeu Dum dando novo abraço em Dee.

Êste começou imediatamente:

O sol brilhava sôbre o mar...

Era de fato uma poesia tão comprida que Alice dormiu no meio. História duma foca que encontrou um

carpinteiro na praia. Puseram-se a conversar, atraindo como ouvintes tôdas as ostras das redondezas — milhares de ostras que abriam as suas conchas e punham a carinha de fora para ouvi-los. Contando casos que muito interessavam às ostras, distraidamente iam êles comendo-as. Comeram-nas tôdas — e depois ficaram desesperados quando viram que haviam engolido o auditório inteirinho, só deixando cascas no chão.



Dee porém teve de interromper o recitativo em vista dum rumor semelhante ao bufo duma locomotiva que se aproximasse — locomotiva ou alguma fera. — Haverá leões ou tigres por aqui? perguntou Alice aflita.

— Não, êsse barulho não passa dos roncos do Rei Negro. Ronca muito quando dorme, explicou Dee.

— Vamos vê-lo, disseram em seguida os dois irmãos, agarrando a menina pelo braço e puxando-a para o sítio onde estava o dorminhoco.

— Lindo quadro, hein? disse Dee ao avistarem o rei.

Alice de nenhum modo pôde concordar. O tal Rei Negro, de gorro de dormir na cabeça e encolhido ao pé duma árvore, mais dava a idéia dum montinho de lixo



do que dum rei. Notando que Sua Majestade estava de cócoras no chão, a cuidadosa menina apenas observou: — Coitado! Vai resfriar-se nessa relva úmida...

— Veja! exclamou Dee. Está sonhando. É você capaz de adivinhar os sonhos dêle?

— Não. Nem eu, nem ninguém no mundo, respondeu Alice.

— Pois eu adivinho, afirmou Dee batendo palmas de triunfo. Está sonhando com você. E, diga-me se êle não estivesse sonhando com você, onde estaria você agora?

— Que pergunta! Estaria onde estou, respondeu Alice.

— Engano, contestou Dee com ar de quem sabe. Você não estaria em parte nenhuma, porque não passaria duma personagem dos seus sonhos.

— Se o Rei Negro acordasse, acrescentou Dum, você desapareceria tal qual a luz duma vela assoprada.

— Não desapareceria coisa nenhuma! exclamou Alice indignada. Se sou apenas uma personagem dos sonhos dêsse Rei, que serão vocês, digam-me?

— A mesma coisa! responderam a um tempo Dum e Dee, em voz tão gritada que Alice se assustou de medo que o Rei Negro despertasse. Calem-se! — exclamou ela. — Vocês estão a fazer muito barulho.

— Como fala em despertá-lo, menina, se você não passa duma simples personagem dos sonhos dêle? Creio que já provamos que você não é uma criatura real.

— Sou real, sim! gritou Alice, começando a chorar.

— Não ficará mais real chorando, declarou Dee. Nada adianta chorar.

— Se eu não fôsse real não poderia chorar, disse a menina misturando um sorriso com as lágrimas.

Tweedledum disse então com o seu grande ar de superioridade: — Acredita por acaso que essas lágrimas sejam reais?

Isto fêz Alice pensar lá consigo: “Êstes tipos só dizem asneiras e grande tolice minha é chorar.” Em vista do que enxugou os olhos e prosseguiu na conversa o mais alegremente que pôde, voltando ao comêço. — Preciso sair desta mata antes que anoiteça. Não lhes parece que está ameaçando tempestade?

Tweedledum abriu o seu guarda-chuva e examinou-o por dentro. Só depois é que respondeu à pergunta.

— Não me parece que vai chover aqui dentro, não.

— E fora?

— Fora poderá ser, se a chuva entender de cair. Tudo depende da vontade dela, opinou Tweedledee.

— Imbecis! exclamou Alice, resolvida a despedir-se dêles com um sêco boa noite. Mas Tweedledum saiu de debaixo do guarda-chuva e segurou-a pelo pulso.

— Está vendo aquilo ali? perguntou vivamente, com os olhos arregalados para um objeto que jazia ao pé da árvore.

— Sim, uma bandeira, respondeu Alice depois de rápido exame. Não um tamanduá-bandeira, acrescentou, julgando que Dum estivesse apavorado, mas uma simples bandeira velha, um trapo.

— Eu sabia disso! gritou Dum começando a pino-tear e a arrancar os cabelos. Está rasgada, é um trapo, sim, concluiu olhando para Dee. Dee imediatamente sentou-se no chão e procurou ocultar-se atrás do guarda-chuva aberto.

Alice apoiou a mão sôbre o braço dêle e disse em tom calmante: — Não é caso de ficar tão impressionado assim! Uma coisa tão à-toa...

— Mas não é trapo nenhum! berrou Dum com furor na voz. Trata-se duma bandeira novinha que comprei ontem — a minha linda BANDEIRA NOVA! rematou num grito agudíssimo.

Por êsse tempo estava Dee fazendo o possível para fechar o guarda-chuva consigo dentro — coisa que muito impressionou a menina — tudo de medo da cólera de Dum. Só o conseguiu furando o pano do guarda-chu-

va com a cabeça a qual ficou de fora, a abrir e fechar os olhos e a bôca. “Tal qual um peixe”, pensou Alice.

Voltando à calma, Tweedledum berrou para o irmão: — Está desafiado para um duelo!



— Aceito, respondeu Tweedledee tristemente. Mas com a condição de que ela nos ajudará a fazer os preparativos.

Assentes nisto, os dois irmãos, de braços dados, se dirigiram para dentro da floresta, donde voltaram com um carregamento de coisas estapafúrdias — almofadas, cobertores, tapêtes, toalhas, tampas de caçarola e baldes.

— Espero, disse Dum a Alice, que você saiba pregar alfinêtes e dar pontos. Tem que ajustar tôdas estas coisas sôbre os nossos corpos.

Alice confessou mais tarde que jamais tivera tanto trabalho na vida como ajeitar, alfinetar, pregar, amarrar tôda aquela trapalhada no corpo dos dois heróis. Tinha de atender às mil recomendações dêles, sobretudo em matéria de defesa do pescoço, pois ambos temiam verem-se de cabeça cortada. — Você sabe, disse Dee em certo momento, que uma das mais sérias coisas que possa acontecer num duelo é cabeça cortada.

Alice riu-se alto, embora disfarçasse o riso numa tossida para não ofender o grande herói.

— Estou muito pálido? perguntou Dum quando chegou a hora de colocar o elmo na cabeça (elmo que não passava duma panela.)

— Sim, um pouco, respondeu Alice.

— Sou habitualmente corajoso. Se fiquei um tanto pálido agora é que estou com uma dor de dentes danada...

— E eu também estou pálido, ajuntou Dee, que ainda estava mais medroso do que Dum, por causa duma terrível dor de cabeça que me deu...

— Se assim é, por que não deixam o duelo para melhor tempo?

— Impossível. Temos de lutar um bocadinho agora, respondeu Dum. Que horas são?

Dee consultou o relógio e *achou* que eram quatro e meia.

— Lutaremos, então, até às seis. Depois iremos jantar, se ainda tivermos as cabeças no pescoço.

— Muito bem! exclamou Dee com tristeza. Lutaremos, e ela poderá assistir. Mas que não fique muito perto. Costumo desancar tudo quanto fica perto de mim.



— E eu, até o que fica longe! acrescentou Dum. Alice riu-se: — Vocês vão mas é desancar as pobres árvores! disse ela.

Dum olhou em torno com ar satisfeito: — Não creio que fique uma só árvore de pé depois do nosso combate! roncou êle.

— E tudo por causa dum trapo de bandeira! murmurou Alice, ainda com esperança de que os heróis se envergonhassem de brigar por tão pouco.

— Trapo nada! berrou Dee. Era uma bandeira novinha em fôlha, como já disse. Do contrário, não me importaria.

— Se aparecesse agora um corvo... pensou Alice.

— Só existe uma espada, você sabe, disse Dum a Dee. Bata-se com o guarda-chuva, que também tem ponta. E comecemos já, antes que escureça mais.

De fato, começava a escurecer, e tão depressa que Alice teve medo. Erguendo os olhos para o céu murmurou: — Que nuvem negra vejo lá!... E como se aproxima depressa! Parece até que tem asas..."

— É um corvo! berrou Dum com pavor na voz — e sem perda de tempo pôs-se ao fresco seguido de Dee...

Alice correu a esconder-se dentro da floresta sob uma grande árvore: — Aqui êle não me pega! É corvo grande demais para que possa meter-se por entre os galhos das árvores. Mas que bom se não batesse as asas com tanta fôrça! Parece um furacão...

E depois, já esquecida do corvo, exclamou batendo palmas, ao ver qualquer coisa que flutuava no ar: — Um xale! Um xale que vem voando!... De quem será?

CAPÍTULO V

LÃ E ÁGUA

ALICE APANHOU o xale e olhou em redor em procura do dono. Viu logo a Rainha Branca a correr com fúria pela floresta, de braços espichados como se estivesse voando. Alice foi ao seu encontro com o xale na mão.

— Tive a sorte de pegar o seu xale no vôo! disse ela ajudando a grande dama a cobrir-se com êle.

A Rainha encarou-a desconfiada e murmurou qualquer coisa semelhante a “pão com manteiga.” Como não fôsse possível entendê-la, a menina resolveu orientar a conversa, e disse: — É a Sua Majestade a Rainha Branca que tenho o prazer de estar ajudando a vestir-se?

— Sim, mas se arrumar um xale nos meus ombros você chama vestir-me, não concordo. Declaro que não penso assim!

Alice não desejava que já de comêço a conversa entrasse no terreno das disputas. Por isso sorriu e murmurou: — Se Vossa Majestade quisesse ter a gentileza de dizer como devo começar, seria ótimo.

— Não quero ter essa gentileza, resmungou a Rainha. Estou a vestir-me a mim própria há mais de duas horas.

— Muito melhor seria se arranjasse alguém que a vestisse, pensou a menina, vendo como estava mal arranjada a Rainha. Tudo fora do lugar e além disso, alfinêtes e mais alfinêtes! ... Uma judas.

Depois disse em voz alta: — Quer que arrume melhor o xale?

— Não sei o que tem êste xale hoje! murmurou a Rainha melancolicamente. Parece zangado. Preguei-o com um alfinête aqui e outro cá — mas nem assim ficou satisfeito.

— O coitado não pode estar satisfeito. Vossa Majestade o prendeu dum lado só, explicou Alice enquanto endireitava o xale. Vendo em seguida o desalinho dos cabelos da grande dama, não pôde evitar um reparo: — Como está isso sem jeito, minha cara Rainha!

— É que a escôva ficou enganchada nêle quando o pentei, murmurou a Rainha num suspiro. Além disso, perdi meu pente ontem.

Alice desembaraçou cuidadosamente a escôva e a penteou o melhor que pôde. Depois disse: — Veja como está bem agora! Vossa Majestade precisa mas é duma boa camareira.

— Tomarei você como camareira, se quiser, disse a Rainha. Terá dois níqueis por semana, além de geléia um dia sim, um dia não.

Alice não pôde conter um sorriso ao responder que não fazia caso da geléia.

— Oh, mas é geléia muito gostosa! insistiu a Rainha.

— Não gosto de geléia, seja gostosa ou não, repito.

— Nem a comeria, minha cara, porque a geléia é um dia sim, um dia não, ou melhor, geléia ontem e geléia amanhã — nunca geléia hoje.



— Não entendo êsse modo de dar geléia. Parece-me um tanto confuso.

— Isso vem do meu modo de viver para trás, explicou a Rainha bondosamente. Concordo que no comêço atrapalha um pouco.

— Viver para trás! exclamou Alice com espanto. Nunca ouvi falar de semelhante coisa!

— No entanto há uma enorme vantagem nisso, menina. Vive-se dobrado.

— Eu só vivo para a frente, observou Alice. Não sei lembrar-me de nada que ainda não haja acontecido.

— Que pobre memória tem! Como deve ser triste isso de só poder lembrar-se do que já aconteceu!...

— Diga-me, Rainha, que espécie de coisas a memória de Vossa Majestade se lembra primeiro?

— Oh, das coisas que vão acontecer daqui a quinze dias, está claro! Agora, por exemplo, continuou a grande dama grudando um pedaço de esparadrapo na ponta do dedo, está o Mensageiro do Rei sendo castigado na prisão. O julgamento dêsse criminoso só será daqui a uma semana e o seu crime só será cometido daqui a duas semanas.

— Mas suponha que ele não cometa nenhum crime! objetou Alice.

— Seria muito melhor, não acha? respondeu a Rainha amarrando o esparadrapo com um fio de linha.

Alice não pôde contestar aquilo: — Sem dúvida que seria muito melhor. Mas ainda melhor seria se ele não fôsse castigado já.

— Está você errada nesse ponto, contestou a Rainha. Diga-me, já foi castigada alguma vez?

— Sim, mas por faltas realmente cometidas, respondeu Alice.

— E ganhou alguma coisa com isso?

— Não se trata de ganhar ou não ganhar. Trata-se de castigos que sofri em consequência de faltas que cometi. A diferença é enorme.

— Mas se você não houvesse cometido essas faltas seria muito melhor, observou a Rainha. Muitíssimo melhor. Muitíssimo melhor! MUITÍSSIMO melhor — e cada vez que repetia a palavra melhor subia de tom vários pontos.

Alice começou a pensar que devia existir um êrro qualquer em tudo aquilo. Nisto a Rainha rompeu numa gritaria infernal. — Oh! Oh! Oh! berrava ela sacudindo a mão como se quisesse deitá-la fora. Meu dedo está sangrando! Oh!

Seus gritos pareciam apitos de locomotiva, tão fortes e agudos que Alice teve de tapar os ouvidos.

— Que aconteceu, Majestade? perguntou Alice quando a gritaria deu folga. — Espetou o dedo?

— Ainda não espetei, respondeu a Rainha, mas vou espetá-lo. Oh! Oh! Oh!...

Nesse momento o alfinête de segurança que lhe prendia o xale abriu-se e a Rainha o agarrou nervosamente, procurando fechá-lo de novo.

— Cuidado! exclamou Alice. Vossa Majestade o está fechando torto, disse espichando as mãos para tomar o alfinête e fechá-lo direito. Era tarde. A Rainha já havia espetado o dedo.

— Vê? exclamou ela. É assim que as coisas acontecem aqui.

— Mas por que não grita agora, Majestade — agora que está com o dedo realmente espetado?

— Porque já gritei antes, respondeu a Rainha sorrindo. Seria inútil repeti-lo agora.

Enquanto as duas levavam o tempo naquela prosa sem pé nem cabeça, o céu começou a clarear. As sombras desapareceram. — O corvo já se foi embora, disse a menina. — Muito me alegra semelhante fato. Não era a noite que vinha vindo, como pensei, era o corvo.

— Eu também quisera alegrar-me com alguma coisa, disse a Rainha com ar triste. Você pode considerar-se

feliz de alegrar-se com qualquer coisa neste bosque, e alegrar-se quando quer...

— Sim, mas acho muito solitário isto aqui, observou Alice, em cujos olhos duas lágrimas principiavam a brotar.

— Oh, não faça isso! Não chore! exclamou a Rainha torcendo as mãos com desespero. Pense que já é uma menina grande. Pense no caminho que já andou hoje. Pense que são quatro horas da tarde. Pense em tudo isto e não chore.

Alice foi forçada a rir-se no meio do choro. — Acha, então, Majestade, que pensando em tôdas essas coisas posso parar de chorar?

— Perfeitamente! declarou a Rainha com grande decisão. É o jeito. Ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo. Se você pensa no que eu digo, está claro que tem de parar o choro. Pense na sua idade. Que idade tem?

— Sete anos e meio, exatamente.

— Não diga exatamente, observou a Rainha. Eu acreditarei na sua idade sem êsse exatamente. E eu? Sabe que idade tenho? Nada menos de cem anos, cinco meses e um dia.

— Não posso acreditar nisso, Majestade!

— Não pode? fez a Rainha com cara de dó. Experimente. Faça um esforço. Tome bastante fôlego e feche os olhos.

Alice ria-se a morrer.

— Inútil experimentar, Rainha. É-me impossível crer em coisas impossíveis.

— Vejo que você não tem muita prática da vida, menina. Quando eu tinha a sua idade sempre acreditei em coisas impossíveis pelo menos meia hora por dia. Às vezes chegava a acreditar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã. E mudando de assunto: — Lá se vai o meu xale outra vez!



Enquanto ela falava o alfinete tinha-se aberto e uma súbita rajada de vento arremessara o xale para além dum riacho. A Rainha espichou os braços e voando qual uma ave conseguiu apanhá-lo no ar.

— Apanhei-o! gritou muito contente. E agora você vai ver que sei prendê-lo por mim mesma.

— Quer dizer então que o dedo de Vossa Majestade está melhor? perguntou Alice transpondo também o riacho.

— Oh, muito melhor! exclamou a Rainha num grito agudo. Muito melhor! Me-lhor! Me-e-e-lhor! Mé-é-é... e a palavra se reduziu a um balido de ovelha, tão perfeito que Alice se assustou. Mais ainda vendo que a grande dama se havia envolvido tôda em lã de carneiro. Alice esfregou os olhos. Olhou de novo. Estava numa loja, defronte a um balcão. Do outro lado do balcão via a lojista, que era uma ovelha de óculos na cabeça, a fazer crochê. De vez em quando a ovelha erguia a cabeça e punha os olhos nela.

— Que deseja comprar, menina? perguntou numa dessas vêzes.

— Não sei ainda, respondeu Alice amavelmente. Quero primeiro ver o que a senhora tem nesta loja.

— Pode olhar quanto queira, para a frente, para a esquerda e para a direita. Só não poderá ver o que está para trás, porque você não tem olhos na nuca.

A loja parecia cheia de coisas esquisitas, mas cada vez que a menina firmava os olhos numa prateleira essa prateleira ficava completamente vazia, indo as coisas que ali se acumulavam reunir-se noutro ponto.

— As coisas não param no lugar! exclamou Alice depois de passados uns minutos na tentativa de fixar os olhos numa coisa que lhe pareceu uma boneca e que se mudava sempre para cima do ponto para onde ela olhava. — Está-me provocando, êsse objeto, declarou

Alice, mas hei de vê-lo bem visto. Quero saber se foge mais depressa do que meus olhos se movem.

Não conseguiu. Por maior rapidez com que Alice erguesse os olhos, o objeto escapava sempre, subindo, sempre subindo até ao teto, onde desaparecia como se estivesse acostumado a fazer isso.

— Diga-me, perguntou a ovelha enquanto tirava da cesta de bordado uma outra agulha de osso, você é uma menina ou um pião? Está-me dando tonturas com tantas voltas que dá.

A ovelha estava trabalhando em catorze pares de meia ao mesmo tempo, fato que causou grande surpresa à menina.

“Como pode lidar com tantas agulhas juntas?” pensou Alice consigo. Depois notou que cada vez mais a ovelha ficava parecida com um porco-espinho.

— Sabe remar? perguntou a ovelha, apresentando-lhe um par de agulhas.

— Sim, um pouco, mas não sei remar em sêco, nem com agulhas... começara Alice a dizer quando as agulhas se transformaram em remos em suas mãos e ela se achou numa barquinha entre margens dum rio.

— Pensa! exclamou a ovelha tomando outro par de agulhas.

Alice achou sem propósito aquêle “pena” e nada respondeu. Continuou a remar. Que água esquisita aquela! De vez em quando os remos mergulhavam fundo, sendo uma dificuldade tirá-los outra vez.

— Pena! Pena! continuou a ovelha tomando mais agulhas. Você vai pegar um caranguejo.

— Um caranguejinho! exclamou Alice contente. Que bom, que bom!

Mas a ovelha gritou encolerizada: — Não me está ouvindo exclamar “Pena, pena?” e passou a mão em mais agulhas.

— Sim, estou, respondeu Alice. Não sou surda e você já disse isso várias vezes. Mas onde está o caranguejo?

— Na água. Onde mais? gritou a ovelha enfiando várias agulhas na lã, na cabeça, porque na sua mão não cabiam tôdas. E continuou: — Pena pena!

— Que história de tanta pena é essa? indagou Alice intrigada. Eu não sou ave.

— É sim. Você não passa dum ganso.

Aquilo ofendeu a menina, que emburrou por um minuto ou dois, enquanto o bote seguia seu curso, às vezes por entre plantas aquáticas, às vezes sob árvores que cresciam nas margens.

— Oh, por favor! Dê-me algumas das flôres tão lindas que crescem nestas árvores! Como são cheirosas!

— Inútil pedir “por favor” a mim, disse a ovelha sem tirar os olhos do seu crochê. Não fui eu quem pôs essas flôres nas árvores, nem serei eu quem as possa tirar.

— Não é isso. Estou pedindo licença, para colher essas flôres. Permite a senhora que o barco pare por um instante?

— Como posso parar o barco se é você quem está remando? Se você pára de remar, o barco pára também.

Vendo que era assim mesmo, Alice parou de remar e o barco seguiu a correnteza até meter-se entre os gua-

pés florescidos. Lá a menina debruçou-se e, completamente esquecida da ovelha, pôs-se a colher as flôres. Para isso inclinou-se até tocar com os cabelos na água, apesar do medo que tinha de que o bote virasse.

— Que linda! exclamou tentando colher uma flor que fugia da sua mão. Mas viu outra inda mais linda adiante. E outra mais adiante. Notou que as lindas, lindas, lindas estavam sempre mais adiante, de modo que nunca as podia alcançar. — As lindas estão sempre mais adiante exclamou ela por fim, com os cabelos molhados e desistindo da colheita. Tinha de contentar-se com as mais feias, únicas que pudera colher.

Mas, que pena! As flôres colhidas fanavam-se rapidamente porque eram flôres de sonho que se derretiam como a neve e ficavam aos seus pés como pingos de água suja.

Não muito longe dali um dos remos afundou nágua e não quis mais sair. Como Alice o puxasse com fôrça, o remo deu-lhe uma rabanada, que a lançou do bote para cima dos guapés.

Não se machucou e pôde pôr-se de pé imediatamente. Olhou em redor: a ovelha continuava no seu crochê como se coisa nenhuma houvesse acontecido. — Foi um lindo caranguejo que você pegou, disse ela quando Alice conseguiu pular de novo para dentro do bote.

— Foi? exclamou a menina admirada, a olhar em torno e no fundo do bote a ver se descobria algum caranguejo. Não o vejo! Que pena se me fugiu! Tanto que queria ter um caranguejo em casa...

A ovelha continuava no seu crochê, sorrindo com ar velhaco.

— Há muito caranguejo por aqui? perguntou Alice.

— Caranguejos e tudo mais, respondeu a ovelha. Há de tudo que se queira. Que deseja você comprar?

— Comprar! repetiu Alice em tom de admiração e medo, porque o bote, o rio, os guapés, tudo havia desaparecido num momento e ela estava de novo na lojinha da ovelha.

— Quero comprar um ôvo, disse por fim a menina tímidamente. Quanto custa?

— Cinco níqueis. Dois custam um níquel, respondeu a ovelha.

— Então um custa mais do que dois? indagou Alice surpresa, tirando a sua bolsinha de níqueis do bolso.

— Sim, mas você tem de tomar os dois ovos, se comprar os dois, disse a ovelha.

— Nesse caso dê-me apenas um, resolveu Alice pondo cinco níqueis sobre o balcão. “Êles podem estar podres”, pensou ela consigo, “e nesse caso meu sacrifício será menor.”

A ovelha tomou o dinheiro e o guardou numa caixa. Depois disse: — Eu nunca entrego as coisas que me compram nas mãos dos fregueses, por isso pegue você mesma o ôvo. Assim dizendo tirou ela duma prateleira um ôvo e o pôs de pé sobre a prateleira mais alta.

— Por que será que faz isso? pensou Alice enquanto se dirigia por entre as cadeiras e mesas para onde estava a prateleira do ôvo. Mas a loja era muito escura e Alice teve de tatear.

“Parece que o ôvo foge à medida que me apromximo dêle!” pensou. Espere... Será uma cadeira êsse

objeto que vejo na minha frente? Tem galhos!... Uma árvore!... Que esquisito, árvores crescendo aqui! E agora vejo um riozinho... Não pode haver no mundo loja mais estranha do que esta...

* * *

Quanto mais Alice se adiantava na direção do ôvo, mais se admirava, porque os objetos todos se iam transformando em árvores.

“Até o ôvo é capaz também de deitar galhos e folhas!” pensou ela.

CAPÍTULO VI

HUMPTY DUMPTY

O ÔVO COMEÇOU a crescer, a crescer e a tomar jeito de gente. Aproximando-se dêle Alice viu que tinha olhos e bôca. Por fim percebeu que estava parecido demais com HUMPTY DUMPTY para não ser o mesmo. “Tenho a certeza de que é êle! pensou a menina. Tanta certeza como se o seu nome estivesse escrito em sua cara.”

E o nome de Humpty poderia ter sido escrito cem vêzes em sua cara, tamanha era ela. Humpty Dumpty estava sentado, de pernas cruzadas à moda dos turcos, bem em cima dum muro tão estreito que Alice ficou admirada de como podia equilibrar-se ali. Humpty tinha os olhos fixos na direção contrária a Alice e nem sequer notou a sua presença.

— É tal qual um ôvo! exclamou a menina em voz alta, espichando as mãos para segurá-lo, certa de que iria cair dum momento para outro.

— Isso chega a ser desafôro! disse Humpty Dumpty depois dum longo silêncio, voltando os olhos para Alice enquanto falava. Ser chamado de ôvo! É demais! ...

— Eu disse *parecido* com um ôvo, explicou Alice tímidamente. Não disse que era um ôvo, apesar de

que há ovos bem lindos, continuou, procurando remendar o dito.

— Há criaturas, disse Humpty Dumpty como falando consigo mesmo, que têm menos senso do que um bebê.

Alice não soube o que replicar a essa observação. Nem era caso de replicar coisa nenhuma, visto não estar conversando, pois Humpty quando falava nunca se dirigia a ela. Sua última observação, por exemplo, parecia dirigida a uma árvore. Em vista disso Alice murmurou consigo mesma:

Humpty Dumpty está sentado num muro:

Humpty Dumpty não demora a cair.

Todos os soldados e cavalos do rei

Não poderão de novo fazê-lo ao muro subir.

— Êste último verso está muito comprido e feio, murmurou Alice a meia voz, esquecida de que Humpty Dumpty poderia ouvi-la. E ouviu.

— Deixe de estar a falar consigo mesma, disse êle, encarando-a firme. Em vez disso, diga-me o seu nome e o que anda fazendo por aqui.

— Meu nome é Alice...

— Que nome estúpido! exclamou Humpty Dumpty torcendo o focinho. Que quer significar?

— Nome significa alguma coisa? perguntou Alice incerta.

— Está claro que significa! disse Humpty dando uma risada. Meu nome, por exemplo, significa a forma que eu tenho — a bela forma que eu tenho! Com um nome como o seu você pode ter a forma que quiser.

— Por que está sentado aí sòzinho? disse Alice para mudar de assunto e evitar briga.

— Por quê? Porque não está ninguém comigo. Se estivesse alguém, claro que não estaria sòzinho. Que pergunta!

— Não acha que se estivesse aqui no chão estaria mais seguro? continuou Alice sempre com medo que êle caísse dum momento para outro. Êsse muro é muito estreito, e se você cai...

— Se eu caísse, continuou Humpty, *o Rei me prometeu que...* Ah, você empalidece, menina! Sabe o que eu vou dizer, não é verdade? *O Rei prometeu por sua própria bôca mandar...*

— *Todos os seus homens e cavalos*, concluiu Alice como quem sabia de cor aquela história.

Humpty ficou desapontadíssimo de ver que Alice sabia de tudo. — Você estêve escutando atrás da porta! berrou êle furioso. — Se não tivesse escutado atrás da porta, ou atrás da árvore, ou de dentro da chaminé, não poderia saber isso!

— Não escutei atrás de porta nenhuma! protestou Alice enèrgicamente. Li a história num livro.

— Bem, bem, exclamou Humpty mais calmo. Sei que êles escrevem essas coisas num livro chamado História da Inglaterra. Bem, mas agora olhe firme para mim. Saiba que eu falei com o Rei, eu, eu! Conhece alguém mais que haja falado com um rei? Mas para mostrar que não sou orgulhoso, vou permitir que você me aperte a mão, terminou Humpty arreganhando um sorriso que lhe abria a bôca de orelha a orelha, enquanto

espichava a mão para Alice. A menina apertou-lha um tanto ansiosa, sempre com medo que êle caísse com o esforço daquele sorriso tão grande. “Se continua a rir assim, os cantos da boca se encontrarão na nuca, pensou ela, e nesse caso a sua cabeça fica partida pelo meio.”

— Sim! continuou Humpty. Com todos os seus soldados e cavalos!... Êles me colocarão aqui outra vez. Mas noto que a nossa conversa está caminhando muito depressa. Voltemos para trás.

— Tenho receio de não poder voltar para trás. Já não me lembro do ponto onde a conversa estêve, disse a menina com polidez.

— Nesse caso, comecemos de novo, sugeriu Humpty, e desta vez eu escolho o assunto da conversa. (“Êle fala como se conversa fôsse um jogo qualquer!”, pensou Alice.) Assim sendo, continuou Humpty, vou começar. Que idade disse que tinha?

Alice pensou um instante e respondeu: — Sete anos e seis meses.

— Está errado! exclamou Humpty num triunfo. Você não havia dito isso!

— Pensei que me perguntou que idade o senhor tinha, explicou Alice.

— Se eu tivesse pensado nisso não o teria perguntado a você.

Alice, que não queria brigar, nada replicou.

— Sete anos e seis meses! repetiu Humpty pensativamente. Idade sem graça. Se houvesse pedido o meu conselho eu diria que ficasse nos sete — mas agora é tarde.

— Eu nunca peço conselhos a ninguém a respeito do meu crescimento, declarou Alice indignada.

— É orgulhosa assim?

— Quero apenas dizer que uma pessoa não pode deixar de ir ficando mais velha, queira ou não queira, disse a menina irritada de tanta estupidez.

— Uma pessoa concordo que não pode, retrucou Humpty. Mas duas pessoas podem. Com o auxílio de mais uma pessoa você poderia ter ficado nos sete anos.

— Que bonito cinto o senhor tem! exclamou Alice de repente. (“Chega do assunto idade, pensara ela. E se a conversa ia como num jogo, ora um dando o assunto, ora outro, achava ela que havia chegado a sua vez de dar assunto.”) Que belo cinto, isto é, que bela gravata, repetiu Alice sem grande certeza se se tratava de cinto ou gravata, porque era difícil distinguir se a cintura de Humpty era pescoço e se o pescoço era cintura.

Humpty nada disse por um minuto ou dois, embora fôsse evidente que estava em cólera. Quando afinal falou foi num resmungo:

— Que grande ingenuidade, não saber distinguir uma gravata dum cinto! disse êle.

— Reconheço que sou uma ignorante, desculpou-se Alice em tom tão humilde que Humpty amansou.

— É uma gravata, menina, e uma bela gravata, como você muito bem disse. Presente do Rei Branco e da Rainha.

— Deveras? exclamou Alice contente de ter escolhido um assunto que parecia contentar o homenzinho.

— Eles me deram esta gravata como presente de in-aniversário continuou Humpty amável, montando uma perna sobre a outra e cruzando as mãos em torno ao joelho.

— Desculpe-me, mas não entendi bem, disse Alice intrigada. Que quer dizer presente de in-aniversário?

— Quer dizer um presente dado num dia que não é de aniversário.

Alice permaneceu pensativa por uns instantes. Depois declarou: — Eu prefiro os presentes de aniversário.

— Você não sabe o que está dizendo, gritou Humpty Dumpty. Quantos dias tem o ano?

— Trezentos e sessenta e cinco.

— E quantos dias de anos tem você?

— Um só.

— E se tira um de trezentos e sessenta e cinco quantos ficam?

— Trezentos e sessenta e quatro.

Humpty ficou na dúvida. — Prefiro ver essa conta feita num pedaço de papel, declarou.

Alice não pôde deixar de sorrir enquanto fazia num papel a conta.

365

1

—

364

Humpty tomou o papel e examinou a conta cuidadosamente. — Parece que está certa, disse

— Você está lendo de cabeça para baixo! advertiu Alice endireitando o papel.

— Realmente, murmurou Humpty de cara alegre. Estava-me parecendo muito esquisito. Mas, como ia dizendo, a conta parece certa — embora eu não tenha tempo para examiná-la cuidadosamente — e dela se vê que existem 364 dias nos quais uma pessoa pode receber um presente de in-aniversário.

— De fato assim é, confirmou Alice.

— E um dia só em que possa receber presente de aniversário, não é? Logo, glória para você!

— Não sei o que quer dizer com êsse “glória”, objetou a menina.

Humpty Dumpty sorriu com desprêzo.

— Está claro que não sabe, nem o saberá enquanto eu não o disser. Glória quer dizer um argumento de escachar.

— Mas “glória” jamais significou isso, que eu saiba, senhor!

— Quando eu uso uma palavra, replicou Humpty com superioridade, ela significa o que eu quero que signifique — e nada mais.

— Mas a questão é se o senhor *pode* dar significado diferente às palavras...

— Engano seu, menina. A questão é saber quem é aqui o mestre, isso sim!

Alice estava muito tonta daquela trapalhada para poder replicar qualquer coisa. Calou-se, pois. Quem continuou a falar foi Humpty.

— As palavras têm gênio, algumas delas, sobretudo, como os verbos, por exemplo, que são muito orgu-

lhosos. Com os adjetivos a gente pode fazer o que quer, mas não com os verbos. Eu, entretanto, faço de tôdas as palavras o que quero. “Impenetrabilidade!”, eis o que tenho a dizer.

— Poderá fazer-me o favor de declarar o que significa isso? pediu Alice.

— Bravos! Está falando agora como uma boa menina, respondeu Humpty muito contente de si. Por “impenetrabilidade” eu quero dizer que já debatemos muito êste assunto e que seria justo que você dissesse o que quer fazer agora, pois não podemos ficar neste ponto tôda a vida.

— É uma grande coisa fazer uma palavra significar o que a gente quer! murmurou Alice pensativamente.

— Quando eu faço uma palavra significar o que quero, pago-lhe sempre salário dobrado, explicou Humpty.

— Oh! exclamou Alice, muito atrapalhada de idéias para dizer qualquer coisa.

— Queria que você visse como aos sábados as palavras me rodeiam ansiosas pelo recebimento dos seus salários da semana.

Alice não teve coragem de perguntar com que moeda êle as pagava. Apenas murmurou: — O senhor me parece muito hábil nessa ciência. Poderia dar-me a significação da palavra “Jabberwocky”?

— Posso, sim. Posso explicar todos os poemas que foram escritos, bem como todos os que ainda estão por escrever-se.

Alice ficou bastante satisfeita com a resposta e lembrou-se dum verso sem pé nem cabeça que êle poderia decifrar.

Panfogo nas peiolhas da gire e ruma
Xuruxuxu mais potocauçu faz fiufirififiu

— Basta, para começar, interrompeu Humpty. Há muitas palavras difíceis aí. *Panfogo* significa quatro horas da tarde, tempo em que as cozinheiras começam a botar as panelas no fogo para o jantar.

— Muito bem, exclamou Alice. E *peiolhas*?

— *Peiolhas* são peixes em forma de lagartos, um tanto parecidos com saca-rôlhas.

— Devem ser uns animais muito interessantes!...

— São, sim, confirmou Humpty Dumpty. Costumam fazer seus ninhos nos mostradores dos relógios e moram nos queijos.

— E *gire e ruma*?

— *Gire* é girar como os piões. *Ruma* é fazer buraco na madeira como as verrumas.

— Bom, estou aprendendo, disse a menina. Creio que esta outra palavra, *xuruxuxu*, significa algum pássaro muito esquisito, com penas arrepiadas pelo corpo como uma vassoura com medo.

— Exatamente! exclamou Humpty. E *potocauçu* quer dizer uma espécie de porco-do-mato verde.

— E que significa *fiufirififiu*?

— Significa um assobio com um espirro no meio. Mas eu queria saber quem ensinou a você êsse verso.

— Li-o não sei onde, respondeu Alice. Mas tenho na memória alguns versos mais fáceis, que aprendi com Tweedledum.

— Já que fala em versos, disse Humpty esfregando as mãos, posso provar a você que sou capaz de recitar versos tão bem como qualquer pessoa.

— Oh, não é preciso! berrou Alice com medo de mais versos daquela qualidade. Humpty não se incomodou com o protesto e prosseguiu:

— O verso que vou repetir foi composto especialmente para você.

Tendo de corresponder à gentileza, Alice não pôde impedir que ele recitasse. Sentou-se no chão e murmurou um “muito obrigada” bastante suspirado.

Humpty começou:

Agora que do inverno sinto a aragem
Canto êstes versos em vossa homenagem...

Mas interrompeu-se para uma explicação. Disse que não ia cantar, como estava na poesia, e sim recitar.

— Estou vendo, murmurou Alice.

— Se está *vendo*, gritou Humpty com severidade, quer dizer que você tem olhos que ouvem, o que é uma barbaridade. E continuou:

Na primavera, quando o mato cheira a incenso,
Com a minha débil voz eu digo o que penso.

— Faz muito bem! apartou Alice.

No verão, ão, ão, quando os dias são longos
Talvez você compreenda, enda, os ditongos.

No outono, quando as fôlhas ficam amarelas,
Tomo pena e tinteiro e vou para as janelas.

— Hei de fazer o mesmo! aparteou de novo Alice.

— Nada de interrupções, que me atrapalha! observou Humpty. E continuou:

Mandei recado aos peixes
Dizendo o que queria;
Os peixes responderam
Naquele mesmo dia.
Responderam dizendo
Que noutra freguesia
Eu fôsse pregar pregos...

“Peixinhos sabidos eram êles!” pensou Alice consigo. Apesar de ter apenas pensado e nada dito em voz alta, Humpty adivinhou o seu pensamento e ofendeu-se. Parou o recitativo naquele ponto e com cara muito feia exclamou: — Até logo!

— Como até logo? gritou Alice. A sua poesia então acaba assim sem mais nem menos?

— Até logo! repetiu êle sêcamente.

— Nesse caso, disse a menina desapontada, só me cumpre responder que terei muito gôsto em vê-lo de novo.

— Se novamente nos encontrarmos, não a reconhecerei. Estou certo disso.

— Por quê?

— Porque a menina se parece muito com tôdas as outras meninas que existem.

— Poderei parecer, observou Alice, mas tenho uma cara que é só minha, sem igual no mundo inteiro.

— Pois fique sabendo que não noto diferença nenhuma. É cara como tôdas as outras. Tem dois olhos, como tôda a gente, um aqui outro aqui. Tem nariz em cima da bôca e bôca em baixo do nariz. Tôda a gente é assim. Se tivesse um ôlho na testa e outro no queixo, então eu poderia distingui-la das outras meninas.

— Seria engraçado se fôsse assim! murmurou Alice, imaginando como seria sua cara se tivesse os olhos na testa e no queixo.

Humpty calou-se. Alice ainda esperou por uns momentos que êle dissesse alguma coisa. Vendo porém que havia fechado os olhos e estava como se já não a percebesse ali, murmurou outro “Até logo” e retirou-se lentamente, pensando pelo caminho que de tôdas as pessoas malcriadas que havia encontrado naquele país Humpty Dumpty era um dos...

Mas não pôde concluir o seu pensamento. Um estranho tropel começava a invadir a floresta.

CAPÍTULO VII

O LEÃO E O UNICÓRNIO

ALICE VIU que soldados em quantidade vinham atravessando a floresta. No comêço aos dois, aos três; depois, aos dez e aos vinte e por fim em tamanho número que pareciam encher a floresta inteira. De medo de ser atropelada escondeu-se atrás duma árvore.

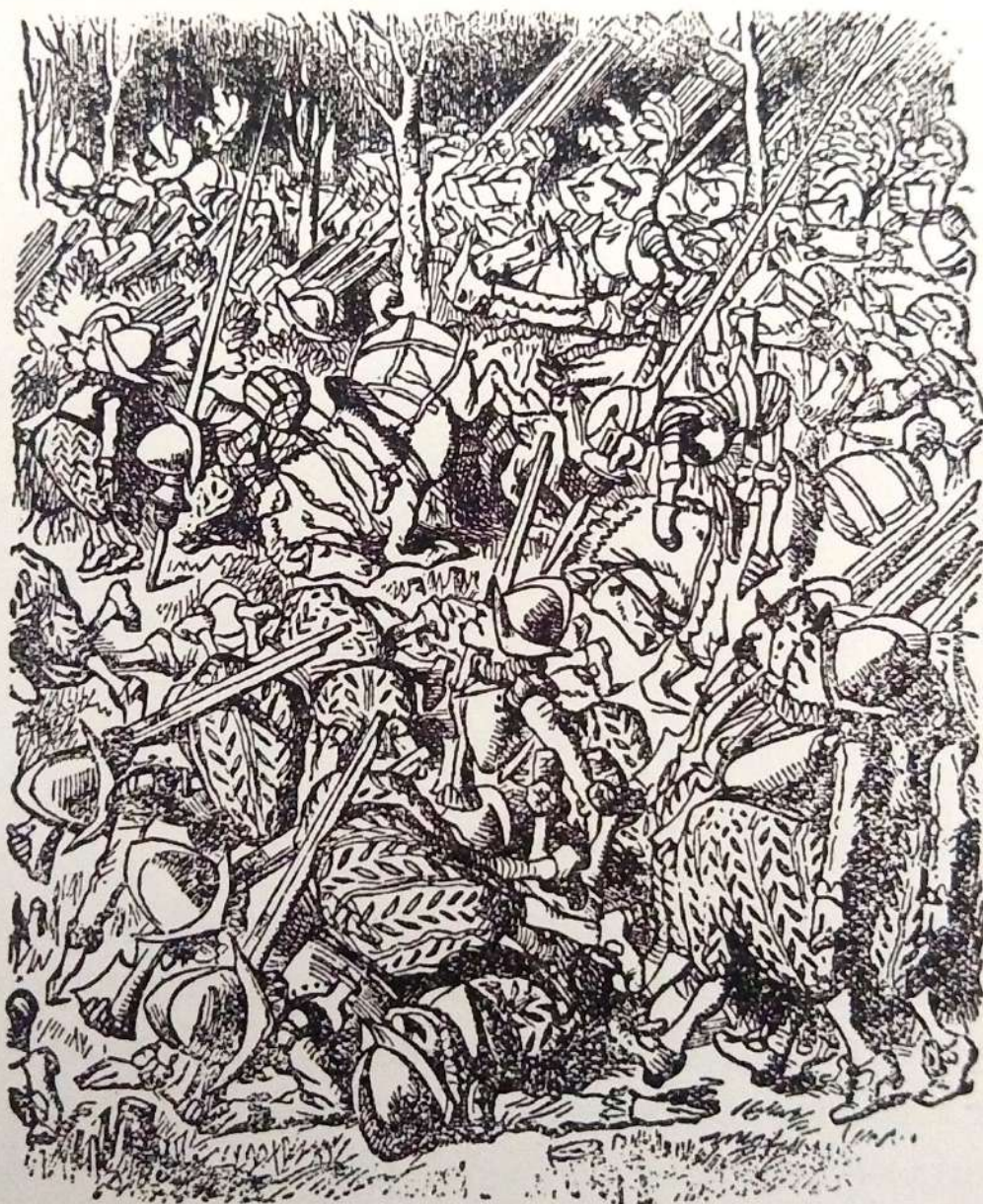
Pôs-se a observar. Notou logo que nunca em sua vida encontrara soldados cambaleantes como aquêles. Mal podiam ter-se em pé. Por qualquer coisinha caíam e quando um vinha ao chão, os de trás tropeçavam nêles e também caíam, formando-se assim pequenos montes de homens por tôda a floresta.

Depois surgiram cavalos. Como os cavalos têm quatro pés equilibravam-se melhor que os homens, que só têm dois. Mesmo assim tropicavam aqui e ali, e sempre que um cavalo tropicava o soldado que o montava vinha ao chão. A desordem crescia cada vez mais, de modo que Alice respirou quando se viu longe da floresta, num ponto onde se achava o Rei Branco, sentado na terra nua e muito preocupado com o que escrevia no seu livrinho de notas.

— Mandeí o exército inteiro, disse êle alegremente logo que viu Alice. Não encontrou meus soldados pela floresta, minha cara menina?

— Sim, encontrei, respondeu Alice. Alguns milhares, creio.

— Quatro mil duzentos e sete, é êste o número exacto. declarou o Rei lendo no livrinho a nota a respeito.



Não pude mandar todos os cavalos porque dois dêles são necessários ao jôgo do xadrez, como você sabe. Também não mandei os dois Mensageiros, porque tinham ido à cidade. Espie a estrada e diga-me se avista algum dêles.

— Ninguém está na estrada, respondeu Alice.

— Quem me dera ter seus olhos, menina! exclamou o Rei num suspiro. Ter olhos que enxergam Ninguém e desta distância! ... Eu mal posso avistar gente real.

Alice não prestou atenção àquelas palavras porque estava ainda de olhos fixos ao longe vendo se vinha alguém. — Vejo-o agora! exclamou por fim. — Vem vindo um mensageiro muito vagarosamente. Que engraçado! Vem escorregando, qual uma cobra, agitando as mãos, como remos.

— Já sei, disse o Rei. É Ciro. Ele costuma caminhar assim quando está contente.

Alice lembrou-se dum versinho popular sobre a letra C, que era a primeira do nome dêsse mensageiro.

Eu amo o meu amor com C porque é Completo. Eu o odeio com C porque é Cavorteiro. Eu o alimento com com... com Cocada e Capim. Seu nome é Ciro e ele mora na ...

— Ele mora na Caverna, completou o Rei ajudando Alice a achar uma morada cujo nome também começasse por C. O outro mensageiro se chama Cairo. Como você sabe, é preciso ter dois mensageiros, um para ir e outro para vir.

— Não entendo, murmurou Alice. Por que um para ir e outro para vir? Quem vem pode também ir.

— É como eu disse, respondeu o Rei com impaciência. Preciso ter dois, um para levar e outro para trazer.

Nesse momento o Mensageiro chegou. Tão cansado estava que não pôde pronunciar uma só palavra, limitando-se a abanar com as mãos ambas enquanto fazia as mais horrendas caretas para o Rei.

— Esta menina ama você com C, disse o Rei apresentando-lhe Alice, na esperança de desviar de si a atenção do Mensageiro, cujas caretas lhe estavam causando pavor. Mas foi inútil. O Mensageiro ainda fêz caretas mais feias.

— Você está me apavorando! exclamou o Rei afinal. Sinto-me desmaiar. Uma cocada, depressa!

Com grande surpresa da menina o Mensageiro abriu a sacola que trazia pendurada ao pescoço e dela tirou uma cocada, que passou ao Rei.

— Outra! gritou êste logo que devorou a primeira.

— Não existe mais nada na sacola a não ser capim, Majestade, respondeu o Mensageiro.

— Serve capim, murmurou o Rei em voz sumida.

Alice respirou quando viu que o capim havia feito o Rei voltar a si. — Nada melhor do que capim para desmaios, explicou êle, enquanto engolia aquêle estranho remédio.

— Jogar água fria na cara parece-me muito melhor, observou a menina sem que o Rei lhe desse tento. Sua Majestade de mão estendida para o Mensageiro à espera de mais capim, perguntava-lhe quem havia passado pela estrada.

— Ninguém, respondeu o Mensageiro.

— É o que acaba de me informar esta menina. Vejo que êsse Ninguém anda mais devagar do que você.

— Faço o que posso, Majestade, disse o Mensageiro em tom ressentido. Estou certo de que ninguém anda mais depressa do que eu.

— Se Ninguém andasse mais depressa do que você êle chegaria aqui antes de você. Mas deixemos isto. Agora que já pode falar diga-me o que aconteceu na cidade.

— Poderei dizê-lo, mas ao ouvido de Vossa Majestade, respondeu o Mensageiro encostando a bôca ao ouvido do Rei. Alice ficou desapontada, de tão curiosa que se sentia de saber as novidades. O Mensageiro, entretanto, depois de encostar a bôca ao ouvido do Rei, em vez de cochichar berrou a plenos pulmões: — Êles estão de novo lá!

— É isso que você chama cochichar ao ouvido? berrou o Rei dando um pulo para trás. Se repete semelhante coisa o farei castigar severamente. O grito que me meteu nos tímpanos está lá dentro que nem um terremoto!

— Terremotinho à-toa, pensou a menina. Mas quem está de novo lá? perguntou ela curiosa.

— O Leão e o Unicórnio, respondeu o Rei.

— Estão lutando pela coroa! ajuntou o Mensageiro.

— Está claro, disse o Rei. E o pior é que tal coroa é a minha. Vamos correndo ver isso.

Puseram-se todos a correr. Pelo caminho Alice foi repetindo para si as palavras da velha cantiga do Leão e do Unicórnio:

Lutando pela coroa estavam o Leão e o Unicórnio.

O Leão bateu o Unicórnio em redor dos muros da cidade.

Alguns deram a êles pão branco; outros deram pão prêto.

Outros deram a êles pudim — e botaram-nos para fora a fôrça de tambores.

— Será que o que vencer vai apossar-se da coroa? perguntou Alice enquanto corria.

— Que absurdo, menina! respondeu o Rei. Que idéia!

Alice não podia mais consigo, de tão cansada.

— Quer... ter a bondade, disse por fim já quase sem fôlego, de parar um momento? Preciso respirar...

— Só pararemos lá adiante, foi a desanimadora resposta.

Alice não teve fôlego para replicar. Continuou a acompanhá-los na carreira, até que avistou uma grande multidão que fazia roda aos lutadores. Lá estavam o Leão e o Unicórnio dentro duma nuvem de pó tão espessa que Alice não pôde distinguir qual era um e qual era outro. Por fim reconheceu o Unicórnio pelo pontudo chifre que possui no meio da testa.

Perto dêles estava Cairo, o outro Mensageiro, que servia de juiz, tendo em uma das mãos uma xícara de chá e na outra um pedaço de pão com manteiga.

— Êle acaba de sair do cárcere, explicou Cairo a Alice, e não havia ainda acabado de tomar o seu chá quando o prenderam. Na prisão o único alimento é cas-

ca de ostra, por isso está assim o coitado, tão faminto e sedento.

Depois, dirigindo-se a Cairo, apoiou-lhe a mão sôbre o ombro, dizendo: — Como vai você, meu caro amigo?

Cairo voltou a cabeça e continuou a devorar o seu pão com manteiga.

— Passou bem na prisão? perguntou Ciro.

Cairo voltou de novo a cabeça sem dizer palavra. Duas lágrimas lhe escorreram dos olhos.

— Fale, diabo! gritou Ciro impaciente. Cairo porém limitou-se a fungar e a engolir outro gole de chá.

— Fale! ordenou o Rei. Como vai indo esta luta?

Cairo fêz um esforço desesperado para engolir o resto do pão com manteiga. Depois murmurou com voz entrecortada pela engolidela: — Vai indo muito bem. Cada um dos lutadores já veio ao chão oitenta e sete vêzes.

— Nesse caso o povo não tarda a trazer-lhes o pão branco e o pão prêto, não é assim? observou Alice.

— Estão êles à espera disso agora, respondeu Cairo.

Houve uma pausa na luta. O Leão e o Unicórnio sentaram-se, com as línguas de fora, enquanto o Rei gritava: — Dez minutos de descanso! Ciro e Cairo foram buscar *refrescos*, isto é, bandejas de pão branco e prêto. Alice provou um pedaço, achando muito sêco semelhante refrêsko...

— Creio que não lutarão mais hoje, disse o Rei para Cairo. Dê ordem aos tambores para que comecem a rufar.

Por um minuto ou dois Alice permaneceu em silêncio; súbito deu um pinote. — Olhe! Olhe! exclamou apontando. — Lá vem a Rainha Branca a correr! Vem voando, quase! Como estas Rainhas sabem andar depressa!



— Algum inimigo corre atrás dela, explicou o Rei sem sequer erguer os olhos na direção apontada. A floresta está cheia de inimigos.

— Mas, observou Alice muito admirada, não vai Vossa Majestade correr em defesa da Rainha?

— Inútil, inútil, respondeu o Rei. Ela sabe correr à tôda. Não obstante, lançarei no meu caderninho uma nota a respeito disso, se você quer. A Rainha é uma boa criatura, disse êle como para si próprio, enquanto abria

o caderninho. Por falar — criatura escreve-se com *e* ou com *i*?

Nesse momento o Unicórnio passou-lhes por perto, de mãos no bolso. — Ganhei a luta desta vez, não? disse de longe ao Rei.

— Você devia ter enfiado o chifre na barriga dêle, sabe? observou o Rei um tanto nervoso.

— Não quis machucá-lo, respondeu com superioridade o Unicórnio. Depois, vendo a menina, entreparou e mirou-a com ar espantado.

— Que é isto? indagou.

— Isto é uma menina, respondeu Ciro, adiantando-se para apresentar Alice ao Unicórnio. Descobrimos-la hoje. É viva.

— Sempre pensei que meninas fôsem monstros da fábula! Realmente é viva?

O Unicórnio examinava Alice como quem examina um ser do outro mundo. Depois disse-lhe: — Fale, menina!

Alice não pôde evitar um sorriso de superioridade e disse: — Eu sempre julguei, também, que os Unicórnios fôsem monstros da fábula. Jamais havia visto um vivo.

— Muito bem, disse o Unicórnio, já nos vimos um ao outro e se você crê que eu existo, também ficarei crente de que você existe. Serve o negócio?

— Serve, sim, se é do seu agrado, respondeu Alice.

— Vamos, que venha o pudim, senhor velhote! exclamou o Unicórnio voltando-se para o Rei. Não quero saber de pão prêto.



— Certamente, certamente, murmurou o Rei fazendo sinal a Ciro. — Abra a sacola, ordenou a êste. Depressa! Mas não tire capim.

Ciro puxou da sacola um grande pudim, pedindo a Alice que o segurasse enquanto ia em busca de um prato e duma faca.

O Leão veio juntar-se ao grupo com os olhos quase a se fecharem de sono. — Que é isto? murmurou preguiçosamente numa voz de sino de catedral, vendo a menina.

— Adivinhe, se é capaz. Eu não pude, observou o Unicórnio.

O Leão olhou para Alice por uns instantes. — É você algum animal, algum vegetal ou algum mineral? perguntou bocejando.

— É um monstro da fábula! gritou o Unicórnio antes que a menina pudesse responder.

— Nesse caso, passe-me para cá uma fatia de pudim, Monstro da Fábula! disse o Leão, deitando-se e acomodando o focinho entre as patas — E sentem-se os dois ordenou ao Rei e ao Unicórnio. — Vamos ao pudim.

O Rei estava evidentemente incomodado de ver-se metido entre dois bichos daquele tamanho; mas não tinha remédio.

— Que linda luta vamos ter pela coroa, *agora!* disse o Unicórnio olhando para a coroa que quase caía da cabeça do Rei, tal era o seu tremor.

— Vencerei fàcilmente, resmungou o Leão com arrogância.

— Não penso assim, replicou o Unicórnio.

— Farei você correr como um pinto pelado! berrou o Leão, colérico, erguendo meio corpo.

Aqui o Rei interveio para evitar briga. Estava nervosíssimo, com a voz trêmula. O Leão sentou-se de novo e perguntou, apontando para Alice: — Quanto tempo leva êste Monstro da Fábula para repartir o pudim?

Sentada à beira dum regato, com o grande prato do pudim ao colo, a menina procurava cortá-lo com a faca. Esquisito! exclamou, sem responder ao Leão. — Por mais que corte as fatias elas se juntam outra vez!

— É que você não sabe lidar com doces do Espelho, disse o Unicórnio. Sirva-nos primeiro, depois corte. No Espelho é tudo ao contrário.

Alice achou um tanto absurdo aquilo, mas experimentou. Ergueu-se e deu volta aos convidados, apresentando-lhes o prato — e de fato o pudim por si mesmo se dividiu em fatias.

— Agora corte, disse o Leão quando ela voltou para o seu lugar com o prato vazio.

— Isso não está direito! exclamou o Unicórnio enquanto Alice, de faca em punho, permanecia tonta, sem saber o que fazer. — O Monstro da Fábula deu ao Leão um pedaço o dôbro do meu.

— E não reservou para si nem um bocadinho, disse o Leão. — Gosta de pudim, Monstro da Fábula?

Alice não pôde responder. Tambores começaram a rufar. Donde viria o barulho? O ar parecia completamente ocupado por aquêles sons que lhe entravam pelos

ouvidos e acabaram por ensurdecê-la de todo. Apavorada, Alice saltou o regato de um pulo.

* * *

Lá do outro lado percebeu que o Leão e o Unicórnio se levantavam, furiosos de terem sido atrapalhados em sua festa. O barulho dos tambores crescia. Alice tapou os ouvidos com quanta fôrça pôde, pensando consigo:

— Se êste barulho não os lança fora da cidade, então nada no mundo o fará...



CAPÍTULO VIII

“É INVENÇÃO MINHA”

AQUÊLE HORRÍVEL barulho não durou muito tempo. Foi passando e passou de todo. Tudo caiu em profundo silêncio. Alice olhou em redor: nada viu. Não havia mais ninguém por ali. Seria sonho? Nem Leão, nem Unicórnio, nem Mensageiros... Mas o prato estava aos seus pés, o prato do pudim. Vendo-o, Alice refletiu que não podia ter sido sonho. E se tivesse sido um sonho do Rei Branco e não dela? Desconfiada disso, Alice resolveu acordá-lo para ver o que acontecia.

Nesse momento foi interrompida por gritos e “Ahói! Ahói! Xeque!” ao mesmo tempo em que um Cavaleiro (1) vestido de armadura preta galopava em sua direção, brandindo a espada. Ao chegar, deteve o cavalo de brusco e gritou: “Está prisioneira!” e caiu no chão.

Apesar de assustada, Alice tremeu mais pelo Cavaleiro do que por si própria, e ficou a olhá-lo, ansiosa, até que êle montasse outra vez. Logo que o Cavaleiro

(1) No Jôgo do Xadrez, que usamos no Brasil, a peça que tem cabeça de cavalo se chama apenas Cavalo. Entre os ingleses essa peça se chama Knight, o Cavaleiro.

se viu firme na sela, começou de novo: “Está pri...” mas não pôde terminar. Outro grito de: “Ahói! Ahói! Xeque!” o interrompeu, fazendo Alice voltar o rosto para ver quem era o novo inimigo.

Tratava-se do Cavaleiro Branco, que só parou bem pertinho de Alice e tudo fêz como o Cavaleiro Negro fizera. Caiu, montou de novo e olhou para o seu rival por algum tempo, sem nada dizer. Alice ora punha os olhos num, ora noutro, muito atrapalhada.

— Ela é minha prisioneira, você sabe! disse por fim o Cavaleiro Negro.

— Sim, mas eu apareci e libertei-a! replicou o Cavaleiro Branco.

— Nesse caso, duelemos para ver quem fica seu dono, disse o Cavaleiro Negro enfiando na cabeça o elmo (que estava pendurado no arção da sela e consistia numa cabeça de cavalo.)

— Vai você observar as Regras da Batalha? perguntou o outro, também enfiando na cabeça o capacete.

— Está claro que sim. Sempre observo tais regras, respondeu o Cavaleiro Negro. Em seguida lançaram-se um contra o outro com tal furor que Alice, apavorada, correu a esconder-se atrás duma árvore para não ser vítima dalgum golpe.

“Queria saber quais são as tais Regras da Batalha” pensou consigo a menina no seu esconderijo enquanto observava a luta. Uma regra parece ser que se um Cavaleiro acerta um golpe no adversário, êste vem ao chão, e se erra, quem tem de cair é êle. Outra regra parece ser que ambos seguram as armas com os braços e não com as mãos. E que barulho fazem quando caem!

E como se comportam bem os cavalos, imóveis em seus lugares, como se fôsem tabuleiros de xadrez!...

Outra Regra de Batalha que Alice não percebeu era que êles sempre caíam de ponta cabeça, e que a luta



terminaria quando ambos assim caíssem ao mesmo tempo, um ao lado do outro. Logo que isso aconteceu, ergueram-se os dois, apertaram-se as mãos e o Cavaleiro Negro, montando de novo, partiu no galope.

— Foi uma vitória gloriosa, não acha? murmurou o Cavaleiro Branco ainda sem fôlego, dirigindo-se para ela.

— Não sei, respondeu Alice na dúvida. Mas já vou dizendo que não quero ficar prisioneira de ninguém. Quero virar Rainha, isso sim.

— Será Rainha só depois que atravessar o próximo regato. Eu a levarei em segurança até ao extremo da floresta. É êsse o fim da minha missão.

— MUITÍSSIMO obrigada, exclamou Alice contente. E dá-me licença de retirar da sua cabeça êsse capacete?

Sem o auxílio da menina êle jamais o conseguiria, por isso aceitou.

— Uff! Agora posso respirar mais livremente, disse, logo que se viu livre do capacete. Em seguida correu a mão pelos cabelos em desalinho, fixando na menina os olhos azuis, muito meigos. Parecia lindo, o Cavaleiro. Alice jamais imaginara um soldado assim.

Sua armadura era de fôlha e muito mal arranjada. Sobre os ombros via-se-lhe uma lata vazia de leite condensado, de boca para baixo, com a tampa entortada. Alice examinou-a com grande curiosidade.

— Está admirando a minha lata, bem vejo, disse êle em amável tom. É uma invenção para guardar sanduíches e mais coisas. Uso-a assim de boca para baixo para que não chova dentro.

— Não choverá dentro, observou Alice, mas as coisas que puser dentro cairão. Não vê que a tampa está aberta?

Era tão evidente aquilo que o Cavaleiro ficou desapontado e triste.

— Não pensei nisso, murmurou corando, e vejo que tem razão. Nesse caso tôdas as coisas que eu trazia dentro já caíram e a lata não me serve de nada...

Assim dizendo desamarrou a lata para jogá-la fora, mas arrependeu-se e, tomado duma súbita idéia, foi pendurá-la ao galho duma árvore, dizendo: “É capaz de adivinhar por que estou fazendo isto?”

Alice fêz sinal que não.

— Para que as abelhas a usem como colmeia. Virei depois colhêr o mel.

— Mas você tem na sela uma coisa que parece colmeia, isso aí! observou Alice apontando para o arção da sela.

— Sim, é de fato uma colmeia, disse o Cavaleiro, e da melhor marca. Mas nem uma única abelha entrou nela ainda. Não presta. E êste outro objeto aqui é uma ratoeira. Creio que os ratinhos espantam as abelhas — ou que as abelhas espantam os ratinhos, porque também nesta ratoeira não caiu rato nenhum.

— Eu estava a pensar para que seria essa ratoeira, disse a menina, porque os ratos nunca sobem em cima dos cavalos.

— De fato é assim, disse o Cavaleiro, mas tive medo que subissem e viessem fazer cócegas no meu pescoço. É bom a gente prevenir-se contra tudo. Por isso armei as patas do meu cavalo com êsses espinhos de aço.

— Para que servem êles? indagou Alice, reparando que o cavalo tinha acima dos cascos um anel com terríveis pontas de aço.

— Para defendê-lo contra a mordedura dos tubarões, respondeu o Cavaleiro. É outra invenção minha. Agora ajude-me a montar. Vou acompanhá-la até ao extremo da floresta. Que prato é êsse, aí no chão?

— Um prato que já teve um pudim dentro.

— Será bom levá-lo. Poderemos encontrar algum pudim pelo caminho. Ajude-me a pô-lo nesta sacola.

Foi difícil fazer aquilo, apesar do auxílio de Alice, que segurou a sacola com a boca bem esticada. Mas o Cavaleiro era um desastrado. Por três vezes, ao tentar enfiar o prato, enfiou-se a si próprio na sacola, custando muito para sair. Por fim o conseguiu e pendurou a sacola na sela, onde já havia toda uma quitanda de coisas — até cenouras!

— Estão os seus cabelos bem seguros? perguntou o cavaleiro ao montar, julgando talvez que os cabelos de Alice fôsem como as coisas que ele trazia sobre si.

— Na forma do costume, respondeu Alice sorrindo.

— É preciso que estejam bem seguros, porque o vento aqui é muito forte — tão forte como pimenta da miúda.

— Não inventaria também você algum meio de evitar que os cabelos sejam arrancados pelo vento? perguntou Alice.

— Não ainda, mas tenho um meio de evitar que caiam.

— Desejava muito saber isso.

— Muito simples. Consiste em fincar na cabeça uma estaca onde o cabelo possa ir-se enroscando, como os pés de ervilha. O motivo pelo qual o cabelo cai é que vivem pendurados para baixo. O que cresce para cima, como os pés de ervilha, não pode cair. Esta idéia é minha. Experimente a receita.

Alice parece que não gostou da idéia, nem quis experimentá-la. Calou-se e foi caminhando ao lado d'ele em silêncio. De quando em quando parava para arrumar o Cavaleiro na sela, visto como era um péssimo cavaleiro.



Sempre que o cavalo parava (e parava cada passinho) êle afocinhava para a frente, e sempre que o cavalo se punha outra vez em marcha êle pendia para trás. Além disso costumava cair de lado, e muitas vêzes do lado da menina, que para evitar ser machucada nunca se aproximava do cavalo.

— Parece-me que você não tem muita prática de andar a cavalo, disse ela numa das ocasiões em que o arrumou na sela.

O Cavaleiro olhou para Alice com surpresa e um tanto ofendido por aquela observação. — Por que diz isso? — perguntou êle, justamente quando pendia para um lado e se agarrava no cabelo da menina para não vir ao chão.

— Porque os cavaleiros não caem tanto assim, quando têm prática de andar a cavalo.

— Pois eu tenho uma prática enorme, sabe? Enorme!

Alice engoliu o “Realmente?” que ia pronunciando e nada respondeu. Continuaram a caminhar, o Cavaleiro de olhos fechados, Alice sempre em guarda para ampará-lo de novos tombos.

— O grande segredo da arte de andar a cavalo, começou o Cavaleiro em voz alta, é conservar-se...

Não pôde concluir. Caiu duma vez ao chão, de ponta cabeça, quase em cima de Alice, que receou que dessa vez quebrasse alguma costela.

— Não tem importância, disse êle, erguendo-se. E continuou a conversa. “O grande segredo da arte de andar a cavalo, é conservar-se em perfeito equilíbrio na sela. Assim...”

Dizendo isto o Cavaleiro largou as rédeas e abriu ambos os braços para dar uma demonstração prática. Foi infeliz. Caiu de novo, desta vez de costas e bem debaixo das patas do animal.

— Tenho enorme prática, disse êle logo que Alice o montou de novo. Enorme prática!

— Isto está se tornando ridículo! exclamou Alice

já impaciente. Você devia mas era montar um cavalo de pau, com rodinhas.

— Essa espécie de cavalo é melhor e de andar mais macio que o meu? perguntou êle interessadíssimo, abraçando-se com o pescoço do animal para não cair de novo.

— Muito melhor que os cavalos de carne e osso, respondeu Alice rindo-se.

— Quero ter um, disse o Cavaleiro. Um ou dois. Ou vários!

Houve um silêncio de alguns instantes, enquanto caminhavam mais uns passos. Súbito o Cavalheiro tomou a palavra de novo. — Sou um danado para inventar coisas! disse. — Da última vez que você me segurou não notou que eu estava pensativo?

— Notei sim, que estava um tanto *grave*, respondeu Alice.

— Pois é. Estava inventando um novo meio de atravessar cêrcas. Quer saber qual é?

— Diga.

— Direi primeiro como foi que cheguei a essa descoberta. Pense bem: a dificuldade para atravessar uma cêrca reside nos pés, porque a cabeça está acima da cêrca e portanto a cêrca não a impede de passar. Repare agora no meu raciocínio. Primeiro, coloco minha cabeça em cima da cêrca. Depois fico de pé em cima da minha cabeça. Ora, fazendo isto, os pés ficam acima da cêrca e portanto a cêrca não pode mais impedir que os pés passem.

— Estou achando o processo um tanto complicado, disse a menina. Já o experimentou?

— Não ainda, respondeu o cavaleiro gravemente, e por isso nada posso afirmar com segurança. Receio mesmo que seja um tanto difícil.

O pobre Cavaleiro pareceu tão vexado com a idéia de que sua invenção não valia grande coisa que de



dó dêle Alice mudou de assunto. — Que lindo elmo você tem! exclamou ela de súbito. — É invenção sua?

O Cavaleiro olhou com orgulho para o elmo que pendia do arção da sela. — Sim, respondeu, mas já inventei coisa melhor, em forma de canudo. Quando eu caía êsse elmo tocava o chão antes da minha cabeça, de modo que a queda ficava menor. O perigo era ficar entalado dentro dêle, o que me aconteceu uma vez. O meu rival, vendo o elmo no chão, pensou que estivesse vazio e o pôs em sua cabeça, comigo dentro.

O Cavaleiro falava com tamanha seriedade que Alice não se animou a rir.

— Suponho que você se aproveitou da oportunidade para lhe dar uns pontapés, disse ela.

— Sim, dei-lhe tantos pontapés que êle teve de tirar da cabeça o elmo. E para me arrancar fora do canudo foram necessárias horas e horas de trabalho.

Nesse ponto da conversa o Cavaleiro caiu de novo de ponta cabeça, bem dentro dum buraco. Alice receou que dessa vez se machucasse deveras. Todavia, embora só estivesse vendo os seus pés e pernas, porque o resto do corpo estava enterrado, logo sossegou, vendo que o Cavaleiro continuava na conversa como se nada houvesse acontecido. — Dei-lhe, sim, centenas de pontapés, dizia êle lá do fundo do buraco.

— Como pode você falar tão bem estando com a cabeça para baixo? perguntou Alice enquanto o puxava pelo pé. Por fim conseguiu desenterrá-lo. O Cavaleiro olhou para ela muito surpreendido da pergunta. — Que importa onde a minha cabeça possa estar? disse êle. — Meu cérebro continua a trabalhar da mesma maneira e inventar novas coisas.

E depois duma pausa: — Sabe que acabo de inventar um novo pudim?

— Bravos! gritou Alice. Dê-me logo a receita.

— Toma-se um bocado de mata-borrão, um bocado de pólvora e um bocado de lacre. Mistura-se tudo e... Chegou a hora de despedir-me de você, menina. Estamos no extremo da floresta. Mas antes de partir quero que ouça uma modinha que compus.

— É comprida? perguntou Alice que andava enjoada de modinhas.

— Comprida, sim, mas lindíssima. Quem a ouve não deixa de chorar ou de rir, à vontade.

Assim dizendo deteve o cavalo e largou as rédeas. Depois, marcando o compasso com uma das mãos e sor-



rindo como se estivesse antegozando a sua própria música, deu comêço à cantoria.

De tôdas as estranhas coisas que Alice viu naquele dia, através do Espelho, foi essa cena a que melhor se gravou em sua memória. Anos mais tarde ainda se recordava de tudo perfeitamente: dos bondosos olhos azuis do Cavaleiro, do sol no poente a iluminar o seu cabelo e a brilhar em sua armadura, do cavalo pastando em sossêgo com as rédeas pendentes do pescoço. Ao longe, as sombras da floresta espêssa. Tudo isto ficou como

um quadro indelével em sua memória. Mas esqueceu a modinha, que de fato era das mais compridas.

Quando o Cavaleiro pronunciou as últimas notas da cantiga, retomou as rédeas e voltou o cavalo para o caminho por onde tinham vindo.

— Basta caminhar morro abaixo uns metros mais na direção do riozinho, disse êle. Lá chegando você se transformará em Rainha. Mas não parta ainda. Espere que eu desapareça no horizonte. De longe acene-me com o lenço. Tenho necessidade dêsse gesto para encorajar-me.

— Esperarei, sim, respondeu a menina comovida. E muito obrigada por acompanhar-me até aqui. Obrigada também da cantiga, que estava linda.

— É, mas você não chorou, como eu esperei, disse êle ressentido.

Houve as despedidas. O Cavaleiro dirigiu-se lentamente para a floresta e Alice, imóvel, ficou a acompanhá-lo com os olhos. — Lá vai êle cambaleando e caindo como sempre! Caiu agora! Montou de novo! É de tanta bugiganga que leva na garupa...

E assim aos boléus o Cavaleiro chegou ao ponto marcado para a despedida com o lenço. Alice sacudiu o lenço no ar por uns minutos, até perder o Cavaleiro de vista.

— Creio que o satisfiz, disse ela, e agora toca a correr morro abaixo para alcançar o riozinho. Vou finalmente virar Rainha!

Correu. Alcançou a margem do regato.

— Viva! Estou na Oitava Casa! exclamou radiante.

E pulou o riozinho. Caiu do outro lado sôbre uma relva macia.

— Oh, como estou contente de haver chegado! Mas... que é isto em minha cabeça? exclamou, sentindo



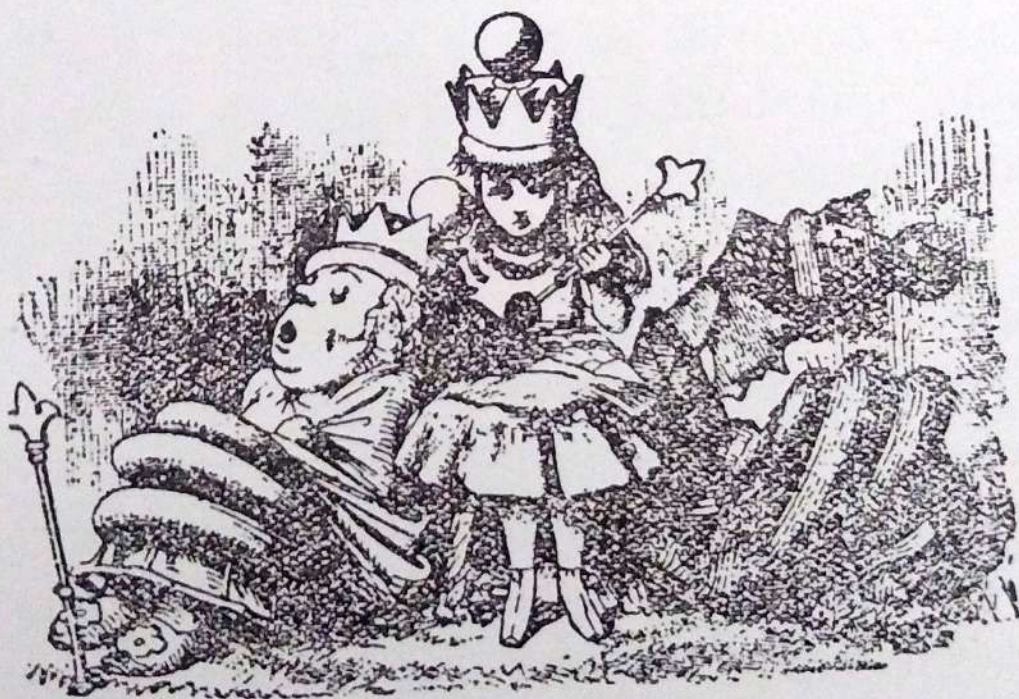
que qualquer coisa havia caído do céu sôbre sua cabeça e nela se enterrara firme. Qualquer coisa dura e pesada... Alice tirou-a com esforço e viu...

Era uma coroa de ouro!

CAPÍTULO IX

A RAINHA ALICE

— **Q**UE BOM! Que bom! exclamou Alice. Não esperei ficar Rainha tão cedo! — E faço notar a Vossa Majestade! (acrescentou ralhando consigo mesma como era seu costume) que não é próprio de rainha isso de sentar-se na grama.



Levantou-se e pôs-se a caminhar, muito tesinha a princípio, de medo que a coroa caísse, mas logo ficou à vontade, vendo que não havia ninguém a observá-la. Sentou-se de novo, dizendo: — Saberei representar o meu papel, quando fôr necessário.

Tudo acontecia de modo tão estranho naquele lugar que Alice não se surpreendeu de ver a Rainha Negra e a Rainha Branca sentadas com ela, lado a lado. Quis perguntar donde tinham vindo, mas achou que talvez fôsse impolidez. Entretanto pareceu-lhe que não seria mal indagar se o jôgo já havia acabado. E murmurou, olhando tímidamente para a Rainha Negra: — Quer ter a bondade de dizer-me se ...

Não pôde concluir. A orgulhosa dama a interrompeu com aspereza.

— Só fale quando fôr interrogada, ouviu?

— Mas se tôda a gente seguisse essa regra, respondeu Alice sempre pronta para discutir, não haveria conversação possível, pois que há pessoas, como Vossa Majestade, que nunca interrogam. Se eu realmente fôsse uma Rainha ...

— Tolices de menina! replicou a dama interrompendo-a. Depois calou-se por uns instantes, como que refletindo e mudou de assunto. — Que entende você por essa frase — *Se eu realmente fôsse uma Rainha?* Que direito tem de julgar-se Rainha? Nunca poderá ser Rainha antes de ser aprovada num exame. Trate de fazer êsse exame quanto antes.

— Eu não disse isso, protestou Alice. Disse: *Se fôsse uma Rainha.* — Vossa Majestade ocultou o meu “Se.”

As duas damas entreolharam-se e a Rainha Negra, com um tremelique, disse à Rainha Branca: — Ela alega que disse “Se.”

— Se dissesse só “Se”, estava bem. Mas disse muito mais do que isso, declarou a Rainha Branca. Oh, muito mais do que isso!

— Está vendo? ralhou a Rainha Negra. Trate de só falar a verdade e pense antes de falar. Pense e depois escreva.

— Não julguei que ... ia dizendo Alice, mas a Rainha Negra a interrompeu de novo com impaciência.

— É o que me aborrece. Você vive julgando. Onde se viu uma simples criança julgar? Isso é bom para os juízes.

Houve um silêncio. Por fim a Rainha Negra convidou a Rainha Branca para o piquenique que Alice ia dar naquela tarde.

— Que piquenique é êsse? perguntou Alice surpreendida. Se sou eu quem vai dar essa festa, creio que o convite deve partir de mim.

— Pois damos a você a oportunidade de realizar êsse piquenique e convidar-nos. Mas acho que você não recebeu muitas lições de boas maneiras.

— Boas maneiras não são ensinadas em lições, replicou Alice. Em lições a gente aprende a somar, diminuir, multiplicar, dividir, e outras coisas assim.

— Sabe somar, menina? perguntou a Rainha Branca. Vamos ver. Quanto é um mais um mais um mais um mais um?

— Não sei. Perdi a conta de tanto um.

— Logo, não sabe somar, disse a Rainha Negra. Vamos ver se sabe diminuir. De oito tirando nove quanto fica?

— De oito não se pode tirar nove, respondeu de pronto Alice, mas...

— Vejo que também não sabe diminuir, disse a Rainha Branca. E dividir? Vamos ver. Divida um pão por uma faca.

— Suponho que... ia dizendo Alice, mas foi interrompida pela Rainha Negra, que respondeu por ela:

— Pão dividido por faca dá pão com manteiga. Voltemos à conta de diminuir. Se de um cachorro tirar-se um osso, que fica?

Alice refletiu e disse: — O osso não fica, porque foi tirado. O cachorro também não fica, porque avança para morder o tirador do osso.

— Quer dizer então que não fica coisa nenhuma?

— Creio que é essa a resposta exata.

— Errado! exclamou a Rainha Negra. Fica a calma do cachorro.

— Como? Não entendo.

— Pois se tiram o osso do cachorro, êste perde a calma e avança para morder. Logo, fica no lugar apenas a calma que o cachorro perdeu! concluiu a grande dama vitoriosamente.

Alice não pôde deixar de refletir que aquela conversa estava asneirenta demais.

— E o ABC? perguntou a Rainha Negra. Sabe o ABC?

— Está claro que sei, respondeu Alice.

— Eu também sei, disse a Rainha Branca. Nós duas costumamos recitar o ABC inteirinho. E agora vou dizer um segrêdo: eu sei ler tôdas as palavras de uma

letra! Não é notável isto? Não desanime, menina. Um dia também poderá chegar a isso.

Alice ainda estava de boca aberta quando a Rainha Negra propôs uma outra pergunta. — Como se faz pão, diga?

— Eu sei! gritou Alice. Toma-se farinha de trigo...

— Toma-se farinha de onde? interrompeu a Rainha Branca. Onde a colhe você? Num jardim ou numa floresta?

— Em qualquer parte. Na venda da esquina.

— Não sabe. Passemos a outra questão, disse a Rainha Negra. Vejamos língua. Sabe francês? Sabe inglês? Nesse caso diga-me como é Fiddle-de-dee em francês.

— Fiddle-de-dee não é inglês, respondeu Alice que não conhecia semelhante palavra.

— Quem disse isso? Como o prova?

Alice descobriu um meio de atrapalhar a Rainha.

— Diga-me Vossa Majestade o que significa Fiddle-de-dee em inglês que direi como é em francês.

Mas a Rainha Negra empertigou-se tôda no seu orgulho e respondeu: — As Rainhas não podem ser perguntadas.

— Preferia que não pudessem fazer perguntas, replicou Alice vitoriosa.

— Nada de brigas! murmurou a Rainha Branca aflita com o tom da conversa. Diga-me, menina, qual é a causa do raio?

— A causa do raio, respondeu Alice imediatamente, certa de que estava certa, é o trovão — não! não! Eu queria dizer que a causa do raio é...

— Muito tarde, para corrigir-se. Errou. Só vale a primeira resposta. Não aceito remendos, disse a Rainha Branca. Mas você falou em trovão e isso me recorda uma tempestade que houve na última terça-feira. Quando digo última terça-feira refiro-me à última terça-feira da coleção de terças-feiras.

Alice ficou admirada. — Em minha terra, disse, não há coleções de terças-feiras. Só existe uma.

— Que pobreza! exclamou a Rainha cheia de dó. Aqui temos dias e noites aos dois e três e quatro ao mesmo tempo. Às vezes no inverno reunimos cinco noites num bloco — para nos aquecer melhor.

— Cinco noites juntas, então, aquecem melhor que uma só? perguntou Alice.

— Está claro. Aquece cinco vezes mais.

— Mas se são noites de inverno devem esfriar cinco vezes mais...

— Exatamente. Aquecem e esfriam cinco vezes mais, do mesmo modo que eu sou cinco vezes mais rica que você e ao mesmo tempo cinco vezes mais inteligente!

Alice suspirou. Era impossível entender aquela criatura.

A Rainha percebeu o que ela estava pensando e disse: — Humpty Dumpty também não me entende. — Um dia veio bater à minha porta com um saca-rôlhas na mão...

— Que queria com êsse saca-rôlhas? perguntou a Rainha Negra.

— Queria entrar para ver se estava algum hipopótamo lá dentro. Mas o hipopótamo não estava lá nesse dia.

— Costuma estar lá um hipopótamo? perguntou Alice espantada.

— Sim, sòmente às têrças-feiras, respondeu a Rainha. Depois voltou à tempestade. — Oh, foi uma tempestade que ninguém imagina! Parte do teto veio abaixo, deixando o trovão entrar — e êle entrou e rolou pela casa inteira, derrubando as mesas e cadeiras e quadros. Eu fiquei tão assustada que até do meu nome esqueci.

Alice refletiu consigo que ela jamais procuraria lembrar-se do seu próprio nome num momento de perigo. De que adiantaria isso? Nada disse, porém, para não afligir a pobre dama, que estava num grande abatimento com a lembrança daqueles horrores.

— Desculpe-a, disse a Rainha Negra dirigindo-se a Alice enquanto tomava as mãos geladas da Rainha Branca. Ela é uma boa criatura, mas não pode evitar de dizer maluquices o tempo todo.

A Rainha Branca olhou para Alice com olhos tímidos, como à espera de que dissesse alguma coisa que a consolasse.

— Não foi bem educada, continuou a Rainha Negra, mas é muito boazinha de gênio. Passe a mão pelos cabelos dela para ver como fica agradada. Faça-lhe uns papelotes. De nada gosta tanto como disso.

Nesse ponto a pobre dama deu um prolongado suspiro e pendeu a cabeça sôbre o ombro de Alice. — Estou com sono, murmurou.

— Está cansada a coitadinha! disse a Rainha Negra. Alise-lhe o cabelo, cante-lhe uma cantiga de adormecer nenê, ponha-lhe na cabeça uma carapuça de dormir.

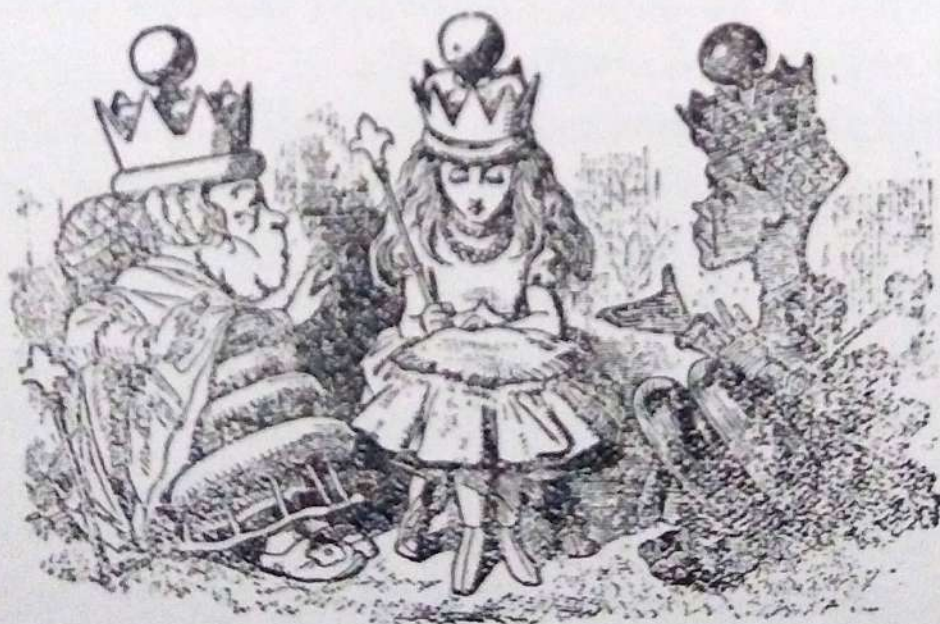
— Não tenho nenhuma carapuça aqui, respondeu Alice, nem sei nenhuma cantiga de adormecer nenê.

— Nesse caso cantarei eu mesma, disse a Rainha Negra. E começou:

Dorme, querida, no colo de Alice;
Depois iremos à festa bonita.
Na cabecinha terás linda fita
Na linda boca todo um mar de tolice.

— Agora que você ouviu minha canção, cante-a para mim. Também estou com vontade de dormir.

Alice cantou e momentos depois as duas grandes damas roncavam em seu colo.



— Que devo fazer? exclamou Alice atrapalhada. Creio que jamais aconteceu coisa semelhante em tôda a história da humanidade: duas rainhas dormindo no colo

de uma terceira! O melhor é acordá-las. Vamos! Acordem, pedras! Já estou cansada de suportar o peso dessas cabeças. Não sou de ferro.

Não acordaram. Começaram a roncar ainda mais alto. Mas êsses roncos foram tomando forma musical e por fim passaram a significar palavras. Alice, prestando atenção, pôde logo decifrá-las. Nesse momento as duas damas foram-se esvaindo até que desapareceram completamente.

Alice olhou em redor. Viu-se diante dum enorme portão onde havia um letreiro dizendo: RAINHA ALICE. Dum lado do letreiro existia uma campainha marcada: “Para visitantes.” Do outro lado, outra campainha marcada: “Para os criados.”

Alice ficou na dúvida. Que campainha tocar? Ela não era nem visitante, nem criada. Haviam esquecido de pôr ali uma campainha para as grandes damas.

Nisto a porta abriu-se e uma criatura de longo bico enfiou a cabeça para dizer: — É proibida a entrada até à próxima semana. E *bam!* bateu-lhe a porta na cara.

Alice não desanimou. Tocou as duas campainhas por longo tempo. Por fim um velhíssimo sapo, que estava cochilando sob uma árvore, aproximou-se, coxeando. Usava sobrecasaca amarela e trazia botas de sete léguas.

— Que há? perguntou o sapo em voz grossa.

Alice voltou-se para êle, indignada.

— Onde está a gente desta casa? os criados? Estou cansada de tocar a campainha. Bato e a porta não responde.

— Que porta? perguntou o sapo.

— Esta porta, naturalmente! Não está vendo?

O sapo olhou para a porta com os seus grandes olhos estúpidos; depois aproximou-se e raspou as tábuas da porta com as unhas como para examinar a tinta; depois olhou para a menina de novo.

— A porta não responde? disse êle. Mas que é que você lhe perguntou?

— Que é que eu perguntei? repetiu Alice. Não entendo!...

— Pois estou falando muito claro, disse o sapo. Quero saber que é que você perguntou à porta.

— Nada, seu palerma! gritou Alice com impaciência. Apenas bati nela.

— Não devia ter feito isso, observou o sapo. Essa porta se dói de ser batida. O que ela quer é isto! e, dizendo, deu-lhe um formidável pontapé, retirando-se em seguida para debaixo da sua árvore.

A porta abriu-se; de dentro veio uma voz aguda, que cantava uns versos assim:

Ao mundo maravilhoso do Espelho

Disse Alice: Tenho um cetro na mão, uma coroa na cabeça

Que venham tôdas as criaturas jantar com a Rainha Negra,

Com a Rainha Branca e comigo!

Ao que centenas de vozes ajuntaram em câoro:

E então que se encham os copos depressa, depressa,
e ponham-se gatos no café e ratos no chá,
e em homenagem à Rainha Alice
bebam-se trinta vêzes três saúdes!

Seguiu-se uma barulhada de aplausos, enquanto Alice pensava: “Trinta vêzes três, noventa! Será que alguém está contando?” Depois seguiu-se outro silêncio e a voz aguda cantou outro verso:

Criaturas do Espelho, disse Alice, cheguem-se!
É tempo de verem-me e de ouvirem-me.
Grande honra para vocês é terem jantar e chá
Com a Rainha Negra, a Rainha Branca e eu!

O câoro fêz-se ouvir novamente:

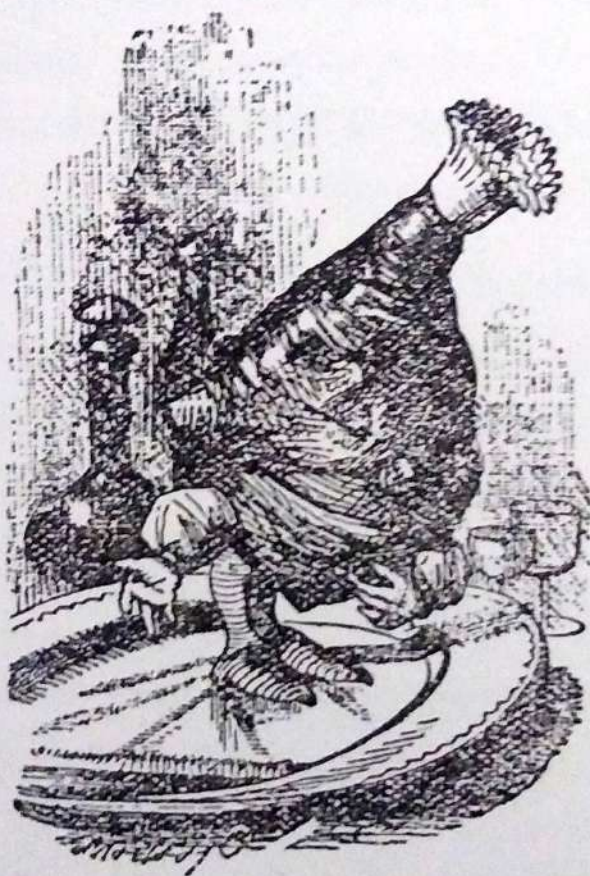
Encham-se os copos com melado e tinta
Ou qualquer outra coisa boa de beber.
Misture-se areia com limonada e lâ com vinho
E à saúde da Rainha Alice bebam-se noventa
vêzes nove vêzes.

— Noventa vêzes nove vêzes! repetiu Alice com desespero. Oh, isso não acabará mais. Prefiro entrar imediatamente... e entrou.

Fêz-se o silêncio. Ao penetrar no espaçoso salão Alice viu que em redor da mesa do banquete havia uns cinquenta convivas de tôdas as espécies, animais, pássaros e flôres. “Foi bom que viessem antes de ser

convidados, pois eu não saberia a quem dirigir os convites”, pensou ela.

Havia três cadeiras no tampo da mesa, duas ocupadas pelas Rainhas e a do meio vazia. Alice ocupou-a, um tanto incomodada com o silêncio reinante e ansiosa por que o rompessem. Quem o fez foi a Rainha Negra.



— Você perdeu a sopa e o peixe, disse ela. Tragam o assado! ordenou em seguida aos garçons, que imediatamente puseram diante de Alice uma perna de carneiro. A menina ficou tonta, não sabendo como servir-se.

— Está acanhada? disse a Rainha Negra. Deixe-me apresentá-la a esta perna de carneiro. Alice... Sr. Carneiro. Sr. Carneiro... Alice.

A perna de carneiro ergueu-se no prato e fez um

cumprimento, que a menina retribuiu com a mesma amabilidade.

— Quer que a sirva duma fatia? perguntou ela às duas Rainhas, tomando a faca e o garfo.

— Oh, não! exclamou a Rainha Negra com energia. Não é da etiqueta trincar as criaturas que nos são apresentadas. E deu ordem aos criados para retirar o carneiro e trazerem o pudim.

— Não quero ser apresentada ao pudim, gritou incontinênti Alice, do contrário ficarei sem jantar. Aceitam um pedaço?

Mas a Rainha Negra fingiu-se de desentendida e a apresentou ao pudim. Alice... Sr. Pudim. Sr. Pudim... Alice. E logo em seguida os criados retiraram o pudim, como haviam feito ao carneiro.

Alice não achou direito que só a Rainha Negra pudesse dar ordens, e para ver o que acontecia resolveu dar ordens também. — Criado, disse ela, traga de novo o pudim! O pudim veio, mas cresceu tanto no caminho que Alice ficou atrapalhada com o seu tamanho. Mesmo assim deu um jeito e cortou um pedaço para o oferecer à Rainha Negra.

— Que impertinência! exclamou o pudim. Queria muito saber o que faria se eu também cortasse um pedaço de você!

O pudim disse isso numa voz grossa e gordurosa, que deixou a menina atrapalhada e de boca aberta.

— Fale! Responda! gritou a Rainha Negra. É feio isso de deixar que o pudim fale sòzinho.

Alice resolveu falar. — Como Vossas Majestades sabem, eu ando muito cheia das poesias que me recita-

ram hoje, começou ela um tanto amedrontada do silêncio que se tinha feito e de tantos olhos fixos em sua pessoa. Mas o curioso é que tôdas essas poesias eram a respeito de peixes. — Poderão Vossas Majestades dizer-me por que motivo gostam tanto de peixe por aqui?

Quem respondeu à pergunta foi a Rainha Negra, mas respondeu sem responder, pois o que disse foi: — Por falar em peixe (e para dizer isto encostou a boca ao ouvido da menina), Sua Majestade a Rainha Branca sabe uma adivinhação em verso exclusivamente sôbre peixes. Quer que ela a recite?

— Sua Majestade a Rainha Negra é muito gentil, murmurou a Rainha Branca no outro ouvido de Alice, mas é verdade o que ela diz. Essa adivinhação vai ser um sucesso. Quer que a recite?

— Com todo o prazer a ouvirei, respondeu Alice polidamente.

A Rainha Branca sorriu de prazer e deu tapinhas no rosto da menina. Depois recitou:

Primeiro, o peixe tem que ser pescado.

Isso é fácil: um nenê pode pescá-lo.

Depois, precisa ser comprado.

Isto é fácil: com uns níqueis é comprado.

Agora, preparem-me o peixe!

Fácil, questão de poucos minutos.

Ponham-no no prato!

Facílimo, se existe por ali algum prato.

Traga-o aqui! Quero comê-lo!
É fácil pôr um prato de peixe na mesa.
Destampe a sopeira!
Oh, isto já não é nada fácil. Não posso!

Por quê? Porque a tampa está grudada.
Pergunta: o que é mais fácil fazer
— destampar a sopeira ou ... pedir peixe assado?

— Pense um minuto, não mais do que um minuto, disse a Rainha Negra. Enquanto isso vamos beber à sua saúde. E erguendo o copo: À saúde da Rainha Alice!

Todos a acompanharam naquela saudação, cada qual bebendo a seu modo — um virando o copo em cima da cabeça e aparando com a língua o vinho que escorria, outro derramando o vinho na mesa e lambendo-o; três cangurus derramaram-no no carneiro assado e beberam-no misturado ao mólho.

— Você tem agora que retribuir a saudação com um lindo discurso, murmurou no ouvido de Alice a Rainha Negra.

— Nós a ajudaremos, acrescentou a Rainha Branca logo que a menina, um tanto amedrontada, se ergeu para falar.

— Obrigada. Falarei sem auxílio de ninguém, replicou Alice.

— Não faça cerimônia, aceite os meus serviços, insistiu a dama.

A menina ergueu-se para falar. Coisa difícil, pois as duas Rainhas a puxavam cada uma para o seu lado e depois a suspenderam no ar. — Ergo-me para retri-

buir a saudação que me acaba de ser feita, começou ela e notou que realmente se erguia diversas polegadas acima do chão, tendo de agarrar-se aos rebordos da mesa para não ir bater com a testa no fôrro.

— Cuidado! exclamou aflita a Rainha Branca, segurando Alice com ambas as mãos. Vai acontecer qualquer coisa!

Aconteceram coisas espantosas! As velas cresceram até ao teto, lembrando feixes de varas com fogos de artifício nas pontas. As garrafas tomaram cada uma dois pratos que ajeitaram no gargalo como asas e, fazendo dos garfos pernas, dispararam a correr e voar em tôdas as direções. “Perfeitas aves!”, pensou consigo Alice, que ainda conseguia pensar naquela terrível confusão.

Nesse momento ouviu um “mé” ao lado e, voltando-se para ver o que sucedera a qualquer das damas, deu com a perna de carneiro sentada no lugar da Rainha Branca. — Estou aqui! gritou uma voz de dentro da terrina de sopa. Alice voltou-se para ver quem falava: a Rainha Negra sorria com a cara inteira, já mergulhada até ao pescoço na sopa.

Não havia um momento a perder. Quase todos os convivas estavam dentro dos pratos ou sopeiras, e a colher de arroz vinha aos pulos em direção da menina, fazendo caretas e intimando-a a sair do caminho.

— Isto não pode continuar! exclamou Alice, levantando-se e agarrando a toalha com ambas as mãos. Vai tudo raso! berrou, e deu um grande puxão na toalha. Foi um terremoto! Pratos, talheres, assados, doces, velas, vasos de flôres, tudo rolou mesa abaixo formando um monte de cacos no chão.

— E quanto a você, continuou Alice, colérica, voltando-se com ar feroz para a Rainha Negra, que considerava a causa de toda aquela trapalhada. Mas... que fim levará a Rainha Negra? Alice viu que a grande dama se tinha transformado numa minúscula boneca de celulóide, que dançava e pulava em sua frente.

— Quanto a você, continuou Alice pulando em cima da mesa para apanhá-la, vou reduzi-la ao que merece — a um gatinho! Espere aí!...

CAPÍTULO X

A SACUDIDELA

ALICE AGARROU a boneca de celulóide em que a Rainha Negra se havia transformado. Não encontrou resistência nenhuma. Apenas a cara da boneca foi mudando e os olhos foram ficando verdes. Depois o corpo da boneca foi-se tornando macio e peludo...



CAPÍTULO XI
MIAU! MIAU!

... e realmente a Rainha-boneca virou num gatinho.



CAPÍTULO XII

SONHO?

— **V**OSSA MAJESTADE não deve rosar tão alto, disse Alice esfregando os olhos sonolentos e dirigindo-se respeitosamente ao gatinho. Você despertou-me dum lindo sonho, ao qual estêve presente, olhando-me o tempo todo. Foi uma viagem extraordinária pelo País do Espelho, sabe?

É hábito de os gatinhos (havia Alice observado tempos antes) responder com rosnidos a tudo quanto a gente lhes diz. “Se os gatos rosnassem para dizer Sim e miassem para dizer Não, seria possível sustentar com êles uma conversação. Mas como conversar com quem rosna o tempo todo, e portanto respondeu só dum jeito.”

O gatinho havia rosnado em resposta à sua pergunta. Como saber se havia respondido sim ou não?

Em vista disso a menina desistiu da conversa e olhou para o tabuleiro de xadrez, que estava sôbre a mesa. Depois tomou dêle a Rainha Negra e a pôs no tapête, bem defronte ao gatinho.

— Vamos, Kitty, disse ela. Confesse que você se transformou nessa Rainha durante todo o meu sonho.

Mais tarde Alice explicou à sua irmã que ao fazer isso o gatinho virara o rosto, como pretendendo não ser verdade que se houvesse transformado em alguma

rainha. Mas que o fêz de jeito a dar a perceber que tinha de fato virado rainha.

— Sente-se um pouco mais durinho, disse-lhe ela, assim, assim. E agora tome um beijo — em honra de ter sido rainha.

Depois, voltando o rosto, deu com o gatinho branco, que ainda fazia a sua toailete, lambendo a pata e es-



fregando-a no focinho: — Olá! Com que então andou disfarçado em Rainha Branca, hein? Mais cuidado com êle, Diná! Saiba que êsse seu filho costuma virar rainha quando quer.

Alice estava sentada no tapêete, com os três bichinhos no colo.

— Diga-me, Diná, não foi você que se transformou em Humpty Dumpty? Acho que sim, mas não ande a espalhar isso, pois não tenho certeza.

Depois, voltando-se para Kitty:

— Uma coisa você teria gostado muito no meu sonho: as poesias a respeito de peixes. Como gato gosta muito de peixe, todos os dias à hora do jantar repetirei a você os versos da *Foca e o Carpinteiro*. Há ostras em quantidade nesses versos, ostras deliciosas!

Parou um pouco, pensativa. Depois continuou:

— Tenho uma dúvida, Kitty. Não estou certa sobre um ponto. Qual de nós foi o que sonhou? É uma dúvida muito séria. Pare de lambar essa patinha e responda. Foi você quem sonhou, ou fui eu, ou foi o Rei Negro? O Rei Negro fazia parte do meu sonho e portanto eu fazia parte do sonho dêle também. Seria o Rei Negro quem sonhou? Você, que na qualidade de Rainha Negra era a espôsa dêle, deve saber. Oh, Kitty! Ajude-me a sair dêste embaraço!

Mas o gatinho preto limitou-se a lambar a pata e a esfregá-la de novo no focinho. Ou não entendera a pergunta de Alice ou de preguiça não quisera responder.

Quem afinal de contas havia sonhado?

Composto, impresso e cartonado na

GRÁFICA URUPÊS LTDA.

Rua Pires do Rio, 338

São Paulo

1958



